

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA
MESTRADO EM PSICOLOGIA COGNITIVA

EDIGLEISSON ALCÂNTARA SILVA

A LÍNGUA ME TROUXE AQUI:
Trilhas psicanalíticas do bebê na aquisição da linguagem

Recife
2015

EDIGLEISSON ALCÂNTARA SILVA

A LÍNGUA ME TROUXE AQUI:
Trilhas psicanalíticas do bebê na aquisição da linguagem

Dissertação de Mestrado desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Psicologia, da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Psicologia Cognitiva.

Linha de Pesquisa: Comunicação oral e escrita

Orientadora: Profa. Dra. Glória Maria Monteiro de Carvalho

Recife
2015

Catálogo na fonte
Bibliotecária Maria do Carmo de Paiva, CRB4-1291

S586l Silva, Edigleisson Alcântara.
A língua me trouxe aqui : trilhas psicanalíticas do bebê na aquisição da
linguagem / Edigleisson Alcântara Silva. – 2015.
84 f. : il. ; 30 cm.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Glória Maria Monteiro de Carvalho.
Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Pernambuco, CFCH.
Programa de Pós-Graduação em Psicologia Cognitiva, Recife, 2015.
Inclui referências.

1. Psicologia cognitiva. 2. Língua. 3. Inconsciente. 4. Aquisição de linguagem.
5. Psicanálise. I. Carvalho, Glória Maria Monteiro de (Orientadora). II. Título.

153 CDD (22. ed.)

(BCFCH2021-155)

EDIGLEISSON ALCÂNTARA SILVA

A LÍNGUA ME TROUXE AQUI:
Trilhas psicanalíticas do bebê na aquisição da linguagem

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia Cognitiva da Universidade Federal de Pernambuco para obtenção do título de Mestre.

Área de Concentração: Psicologia Cognitiva

Aprovado em: 27/02/2015

Profa. Dr^a. Glória Maria Monteiro de Carvalho
Universidade Federal de Pernambuco - UFPE

Profa. Dr^a. Fabiele Stockmans De Nardi
Universidade Federal de Pernambuco - UFPE

Profa. Dr^a. Severina Sílvia Ferreira
Faculdade Frasinetti do Recife - FAFIRE

À Sílvia Ferreira, porque ainda há motivos para falar com o bebê.

Ao meu sobrinho Arthur, de seis anos:

“Quando eu crescer, vou querer ser que nem tu.”

“Por quê?”

“Pra saber um monte de palavra.”

E ao meu outro sobrinho, Allysson, de 1 ano:

“Iô! Iô! IiiiiÔ!”

“Eu mal cheguei, homem. Tem calma. Pera, que eu vou aí, abraçar tu.”

Aos dois por terem me permitido experimentar o mais próximo daquilo que posso chamar de paternidade, e pelos muitos e muitos momentos em que me deram a oportunidade de participar do manhês – ainda que, na maioria das vezes, isso tenha me custado a dignidade perante a família, os amigos e os desconhecidos.

À minha mãe, por ter me dado uma língua de herança.

AGRADECIMENTOS

A lista é enorme e os motivos são diversos, de modo que imagino que deveria escrever uma outra dissertação somente para expressar minha gratidão a todos vocês. Em virtude disso, limito-me a citar seus nomes e deixar que, com a lembrança, os seus gestos, através do meu, possam ressoar.

Aryna Batista (UNIVERSO); Taynã Feitoza (UFPE); Will (IFPE); Breno Chamie (UFPE); Angelina Nunes (UNICAMP); Inês (CEP-UFPE); Fernanda Andrade (FAFIRE); Raquel (UFPE); Natália Barros (UFPE); Amanda Claudino (UFPE); Andressa (UFPB); Moacir (UFPB); Bruno (UPE); Winston (UFPB); Vanessa (FG); Valeska (AESO); Lucas (UPE); Aline (UNINASSAU); Duda (FAFIRE); Johann (UFRPE); Luigi, Karina, Janete, Paulinho, Danilo e Darlan (Clube do Pimpinguim); Amanda (UFRPE); Maria (UFRPE); Germano (UFRPE); Ricardo Pinto e Isabel Perez (Casa de Babel); Rebeka (UPE); Glória Carvalho (UNICAMP); Fabiele De Nardi (UFPE); Marianne Cavalcante (UFPB); Alina Galvão Spinilo (UFPE); Luciane De Conti (UFRGS); Vera Amélia, Vera Ferraz e Elaine (PPG Psicologia Cognitiva – UFPE); Joana Bandeira (UFPE); Jeane (FAFIRE); Gleison, Rubem e Willia (FACEPE); Grupo PREAUT-Brasil Eixo Recife, especialmente Maquiné e Dr^a Eunice; Luciana Ventin (UFBA); Paulo (FAFIRE); Equipe do NUPIC; Irmã Graça (FAFIRE); Letícia Scorci (UFPE); Fabíola Aquino (UFPB); Luciana Pessôa (UERJ); Emanuele (SAD-PE); Ana Paula (GRE-Recife-Norte); Tatiane (SEDUC-PE); Eliane Siqueira (UNICAP).

Eu sonhava com aquela música, com aquelas palavras estranhas na simples cantiga de roda, e em vários momentos nos sonhos entendia o que Lettie estava dizendo. Nos sonhos eu também falava aquela língua, a língua original, e tinha domínio sobre a natureza de tudo o que era real. No meu sonho, aquela era a língua do que é, e tudo o que fosse falado nela se tornava realidade, porque nada dito com ela pode ser mentira. A língua é o fundamento da construção de tudo.

(GAIMAN, 2013)

É curioso como não sei dizer quem sou. Quer dizer, sei-o bem, mas não posso dizer. Sobretudo tenho medo de dizer, porque no momento em que tento falar não só não exprimo o que sinto como o que sinto se transforma lentamente no que eu digo.

(LISPECTOR, 1998)

RESUMO

Somando esforços para compreender a relação entre sujeito, língua e linguagem, Psicanálise e Linguística chegaram ao *manhês*: fala particular assumida pelo adulto durante as trocas com o bebê. Uma vez que os processos de constituição psíquica sofrem implicações discursivas, o intento desta pesquisa foi analisar como o bebê se faria reconhecer enquanto sujeito para o adulto, a partir do manhês. O método adotado foi o *caso clínico*, realizado no interior da pesquisa PREAUT-Brasil, com base no acompanhamento de uma mãe e de um bebê do sexo feminino sob suspeita de macroglossia. Os dados foram analisados segundo subsídios advindos de Freud, Lacan, Dolto e Winnicott. Deles, extraíram-se, respectivamente, os conceitos de *narcisismo*, *pulsão invocante*, *imagem inconsciente do corpo* e *transicionalidade*. A este conjunto foram incrementadas, ainda, algumas contribuições oferecidas pela Análise do Discurso de linha francesa, particularmente relacionadas às formulações em torno da língua. Tendo como referência esse quadro teórico, a aquisição da linguagem veio a ser concebida como paralelo determinante da constituição do sujeito; ficando entendido que, apesar de contínua, a trajetória linguística do bebê é regida pela articulação de fatores distintos, cuja expressão se acentua num dado momento dessa trajetória. Assim, foram evidenciados na produção linguística mãe-bebê quatro eixos subjetivantes, organizados numa proposta de modelo psicanalítico de aquisição da linguagem: 1) ressonâncias primitivas da língua materna; 2) o manhês e a invocação musical; 3) a transicionalidade da língua; e 4) o narcisismo da fala. Tal modelo foi posto em funcionamento tendo como ponto de partida o material produzido nos encontros com a mãe e o bebê. Constatou-se a colonização do discurso materno pelo discurso do Outro, colonização que ganhava materialidade especialmente no significante “língua”, o qual obrigava a voz da mãe a ceder espaço para as vozes alheias. Devido à suspeita de macroglossia, o investimento na sua filha era ruidoso, pois o manhês utilizado evocava as representações vindas do Outro, mas não invocava o bebê enquanto sujeito. Com o acompanhamento clínico, algo muda: a mãe vislumbra o quanto sua filha é “especial”, isto é, dotada de potencialidades, a ponto de ter sido “escolhida” para fazer parte da pesquisa. Além disso, o Outro, deslocado para a figura do psicólogo, não quer dominar a fala materna, mas, ao contrário, quer escutá-la e, com efeito, dar-lhe voz. A voz da mãe, então, passo a passo é resgatada da confusão polifônica que povoava seu discurso e retoma o seu valor libidinal no investimento da filha. Ao ocupar este lugar, a voz evolui para a condição de pulsão invocante e passa a atuar convocando o bebê a comparecer como sujeito. Esta operação permite que de modo gradativo o manhês ganhe a

configuração de espaço transicional, no qual mãe e bebê têm a oportunidade de assumir novas posições enunciativas: ao manipular a língua com o bebê, a mãe, de um lado, pôde ser reinvestida narcisicamente e o bebê, de outro, efetuou o enlace da imagem inconsciente do corpo ao esquema corporal, através de um novo nó significante.

Palavras-chave: Bebê. Manhês. Língua. Inconsciente. Aquisição da Linguagem. Psicanálise.

ABSTRACT

Joining efforts to understand the relationship among subject, language and speech, Psychoanalysis and Linguistics reached the baby talk: The particular talking assumed by the adult during the exchanges with the baby. Since the processes of psychic formation suffer discourse implications, the purpose of this research was to analyze how the baby would make himself recognized as subject to the adult, through baby talk. The method used was the clinical case, based on monitoring of a mother and a female baby on suspicion of macroglossia, conducted within the research PREAUT-Brazil. Data were analyzed according to subsidies arising from Freud, Lacan, Winnicott and Dolto. From them, were extracted, respectively, the concepts of narcissism, invocatory drive, unconscious body image and transitionality. To this set were also added some contributions offered by the French Discourse Analysis, particularly related to formulations on language. Taking as reference this theoretical framework, the acquisition of language came to be seen as a determining parallel in the subject's constitution; being important to understand that, although continuous, the baby's linguistic trajectory is governed by the articulation of different factors, whose expression is enhanced in a given moment of the process. Thus, four subjectivizing axes were evidenced in mother-infant language production, and organized in a proposed psychoanalytic model of language acquisition: 1) primitive resonances of the mother tongue; 2) baby talk and the musical invocation; 3) language transitionality; and 4) the narcissism in speech. This model was put into operation taking as its starting point the material produced in the meetings with the mother and her baby. It was found the colonization of maternal speech by the discourse of the Other, a colonization that earned materiality especially in the significant "language", which forced the mother's voice to make room for other people's voices. Due to suspicion of macroglossia, the investment in her daughter was notable because the baby talk used evoked the representations that come from the Other, but they did not invoked the baby as a subject. After clinical follow-up, something changes: the mother sees how much her daughter is "special", that is, endowed with potentialities, in such a way she was "chosen" to join the research. In addition, the Other, moved to the psychologist's figure, does not want to master the mother speech, but, in a different way, he wants to listen to it and, in effect, give her voice. The mother's voice, then, step by step is rescued from polyphonic confusion that crowded her speech and resumes its libidinal value investment of the daughter. When occupying this place, the voice evolves into the condition of invocatory drive and starts to act calling the baby to appear as a subject. This operation allows that, gradually, the baby talk

assumes the space of a transitional setting, in which mother and baby have the opportunity to take on new enunciative positions: manipulating the language with the baby, the mother, on the one hand, could be reinvested narcissistically, and the baby, on the other, made the link between the unconscious image of the body to the body schema, through a significant new node.

Keywords: Baby. Baby talk. Language. Unconscious. Language acquisition. Psychoanalysis.

LISTA DE GRÁFICOS

<i>Gráfico 1</i> - Ressonâncias primitivas da língua materna.....	61
<i>Gráfico 2</i> - O manhês e a invocação musical.....	66
<i>Gráfico 3</i> - A transicionalidade da língua	68
<i>Gráfico 4</i> - Narcisismo da fala	70

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	14
2	ESTRUTURAÇÃO NA LÍNGUA(GEM) E PROCESSO DE SUBJETIVAÇÃO	25
2.1	O INTERACIONISMO DE CLÁUDIA DE LEMOS	25
2.2	ALGUMAS PRECISÕES	29
2.3	O APELO À ANÁLISE DO DISCURSO.....	33
3	O MANHÊS E A PSICANÁLISE.....	38
3.1	ACERCA DO MANHÊS	38
3.2	RESSONÂNCIAS PRIMITIVAS DA LÍNGUA MATERNA.....	42
3.3	O MANHÊS E A INVOCAÇÃO MUSICAL.....	43
3.4	A TRANSICIONALIDADE DA LÍNGUA	44
3.5	NARCISISMO DA FALA	46
4	MÉTODOS.....	48
4.1	ORIGEM DA PESQUISA PREAUT.....	48
4.1.1	Razões da sigla Preaut.....	48
4.1.2	A pesquisa Preaut na França.....	48
4.1.3	Conjunto de instrumentos	49
4.1.4	Princípios da pesquisa Preaut	49
4.1.5	Aporte teórico da Pesquisa Preaut: o bebê e o campo pulsional.....	50
4.1.6	A hipótese da Pesquisa Preaut.....	50
4.1.7	Justificativas da Pesquisa Preaut	50
4.1.8	Estágio atual da Pesquisa Preaut na França.....	52
4.2	A PESQUISA PREAUT BRASIL	52
4.2.1	A pesquisa Preaut no Brasil.....	52
4.2.2	Título da Pesquisa Preaut no Brasil.....	53
4.2.3	Objetivos da Pesquisa Preaut Brasil.....	53
4.2.4	Instrumentos de Avaliação	54
4.2.5	A Pesquisa Preaut Brasil no Eixo Recife (PE)	56
5	TRILHAS DO BEBÊ NA LÍNGUA DO INCONSCIENTE.....	57
5.1	Ressonâncias primitivas da língua materna: o tempo do eco.....	59
5.2	O MANHÊS E A INVOCAÇÃO MUSICAL: O TEMPO DA VOZ	62
5.3	A TRANSICIONALIDADE DA LÍNGUA: O TEMPO DA IMAGEM	66
5.4	NARCISISMO DA FALA: O TEMPO DO ESPELHO	69

6	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	72
	REFERÊNCIAS	75

1 INTRODUÇÃO

Tendo ou não tendo consciência disto, a Vida pregará peças em todos que nela habitam. A primeira delas, talvez, seja desalojar o ser do seu casulo de modo bastante prematuro, sem aviso prévio; pressionando-o a deixar sua morada através de forças tão poderosas quanto incompreensíveis para ele, e contra as quais – note-se a injustiça! – é impossível lutar.

Do meio ambiente onde tudo fazia sentido, porque nada precisava de sentido, o ser é expelido para um novo espaço. Mas o novo é hostil. Usando seus odores, temperatura, cores e ruídos intermitentes, o novo invade, violentando-o com uma implosão sensorial.

Além de invasivo e agressivo, o novo é opressivo. Ao contrário do mundo fluido, no qual as mais mirabolantes piruetas, praticadas pelo ser, não passavam de meros floreios, no mundo seco até o piscar de olhos exige grande esforço. A despeito de ter sido consultado, sua liberdade é trocada pela imobilidade. No mundo seco, a gravidade substitui a densidade e confere a seus membros um peso descomunal, acarretando, com isso, a limitação de seus movimentos.

Testemunha de sua própria insuficiência, o ser experimenta um medo incontrolável e total. A cada batida in consentida, daquela máquina que carrega como intrusa dentro do peito, aumenta uma angústia infinita e o medo de alguma coisa infinitamente mais dolorosa do que a fome e infinitamente mais apavorante do que o escuro. Sendo arrastado por este terror cego e abissal, a batida dispara a ponto de se transformar num zumbido, e o que antes implodira deverá agora explodir.

Convulsionando cada molécula de sua matéria, o sofrimento do ser é condensado na única forma permitida à sua condição de recém-nascido, isto é, no grito. E ali, com toda a sua potência, ele descarrega a ignorância daquilo que o aflige. O medo de estar só. O medo de que ninguém o queira bem.

A distância, uma figura desgrenhada observa a cena e emite uma espécie de silvo entrecortado e abafado, um murmúrio. Como uma borboleta solitária no meio de um céu tempestuoso, uma paz pequenininha e frágil imediatamente vibra as asas pelo meio do caos em que se resume o ser. Por alguns segundos, o tormento é suspenso. Há naquela sonoridade algo não-desconhecido. Entretanto, segundo as regras deste mundo novo, parece haver uma alternância entre a presença e a ausência. Sem mais nem menos, o precioso fragmento sonoro se desfaz, ausentando-se.

O pânico se apodera do ser de novo e de novo ele estoura em choro e grito. Neste momento, a qualidade do seu clamor sofre uma mudança dramática. Agarrando-se à esperança de presença, na medida em que expulsa o ar, sem saber, o ser exala junto o espectro derradeiro da animalidade contida em si, matizando o seu desespero com a sutileza de um tom distintivo: o tom humano de apelo. O suficiente para ativar na figura emissora do pulso sonoro o reconhecimento desse tom como um pedido de socorro endereçado a ela.

Novamente por ação das forças misteriosas, um milagre acontece: aproximando-se cada vez mais, outros elementos não-desconhecidos atingem os sentidos do ser, levando sua atenção a se concentrar naquele conjunto importante e desprezar a confusão maior. Porém, temendo se desviar do objetivo de reencontrar a sonoridade, ele intensifica o berreiro, interrompendo-o com pequenas pausas para apreender o entorno. Numa dessas pausas é o seu olfato que o detém. Não vem de todos os lados, como na liquidez do mundo anterior, mas está ali. Enquanto recobra o fôlego, inala grandes golfadas daquele certo cheiro. Ou melhor, daquele *cheiro do que é certo*.

Saindo a pausa, volta o berreiro. Indo o berreiro, chega a pausa, que, desta feita, traz o contato. É a forma inusitada como este vem que desperta o interesse do ser. Diferente de todas as indignidades às quais está sendo submetido, ele emudece ao perceber três fatos concorrendo *a seu favor* nesse mundo cruel: primeiro, sem dúvida há um quê de cuidado e não de malevolência no gesto de ter a sua superfície tocada por sabe-se lá o quê ou quem – a propósito, seja o quê ou quem for, não lhe escapa que faz isso vacilando até, suavizando o movimento ao mínimo gemido seu, ou seja, quem ou o que o acaricia surpreendentemente aparenta estar com tanto medo quanto ele –; segundo, sua extensão não vai ao infinito, pois o toque o delimita; e, terceiro, embora ficando claro não se tratar do seu mundo molhado, essa sensação de conforto envolvente é semelhante.

Mas ele não se deixa enganar. Nada disso lhe devolve o som. Devastado pela desesperança, o ser perde o controle e libera a passagem para que a sua essência estridente irrompa. A massa informe junto dele o traz para bem perto. Movimento errado. Ele quase desfalece em soluços. Então, quando tudo parece perdido, surge o som, firme e cristalino. Apesar de trêmulo, o ser paralisa. Como sua carcaça não lhe dá alternativa, ele testa as únicas peças que domina e abre os olhos, esquadrinhando o lugar com sofreguidão. Pulando de um ponto a outro, vê tudo refratado e entortado pelas lágrimas. Seu peito recomeça o sobe-e-desce e a amargura se revolve em sua garganta.

Assistindo àquilo, a figura próxima ao ser se emociona por ter confirmada a sua suspeita: *é dela que ele precisa*.

Sem demora, ela torna a falar.

Ele a escuta.

Ela fala.

Ele a procura.

Ela fala.

Com o olhar um pouco menos embaçado pela dor, ele a encontra.

Devolvendo-lhe o olhar, ela sincroniza sua fala com o choramingo dele, revestindo o tom queixoso do ser com a sua doçura, direcionando-o rumo à metamorfose. À medida que, no fluxo de ar expulsado, se dissolve o último vestígio do animalesco, a nota esganiçada se transforma em timbre e o grito do ser se transforma em voz. Juntos, eles compõem uma melodia.

O tempo, então, para pelo intervalo de uma pulsação.

Finalmente a última peça se encaixa.

Eis que um conhece aquilo que o outro reconhece.

Fruto de nove meses de renúncias, ganhos, projetos e frustrações – filho.

Fonte do que não é desconhecido, do quente e do bom – mãe.

Após esse instante revelador, é chegada a hora de oferecer o seio. Ávido, o filho suga; dolorosamente satisfeita, a mãe o nutre.

Filho.

Filho é falar de amor.

Mãe.

Mãe é falar para não morrer.

Neste estado de graça, o bebê adormece, esgotado e sereno.

O espectador do episódio relatado se entenece e fica constrangido vendo o modo carinhoso com que a mãe fala ao filho; carinhoso, sim, mas expresso de um jeito meio abobalhado e infantil. A fim de dispersar o embaraço, ele tenta se convencer, dizendo para si, que nem ele, nem ninguém tem o direito de atirar a primeira pedra, pois, ao se deparar com um bebê, quem não é assomado – como ele sempre é – pelo impulso irresistível de não somente lhe apertar as bochechas e lhe dar vários beijinhos – versão atenuada das cobiçadas dentadas –, mas também de falar com ele?

“É... A não ser em circunstâncias peculiares, ninguém”. Pensar isso é um consolo e ele deduz que não faz papel de ridículo sozinho.

Mesmo cômica a situação do pobre espectador, ela tem um valor decisivo na vida do bebê. Ficar de olho para não passar a vergonha de falar igual criança, diante de outros adultos,

é um preço módico que esse adulto pagará em troca de se rejubilar ao arrancar do pequenino um sorriso, ou, no melhor dos casos, uma gostosa vocalização. Talvez ele tenha uma vaga noção ou sequer desconfie, mas o que na verdade sustenta esse prazer é o seu desejo subjacente de ter feito uma aposta certa sobre um sujeito em constituição. E a correspondência do bebê – ou o que sua fé o leva a crer – é o prêmio que ele, orgulhoso, recebe e conserva.

Se, por um lado, o interlocutor do bebê é beneficiado por esse acréscimo de prazer ao seu cotidiano tão tedioso, por outro, o bebê não deixa de recolher seus lucros. É, sobretudo, a crença do adulto de que o bebê é um sujeito que lhe dá a oportunidade antecipada de exercer este lugar. Mas, assim como a alegria do adulto não foi gratuita, o bebê também precisa comparecer com a sua taxa. Falar é o preço que o bebê pagará para vir a se tornar sujeito.

Conforme aponta Celes (2004), exceto por lhe permitir ser incluído numa classificação taxonômica – a espécie *Homo Sapiens* –, o ato do nascimento não implicaria em grandes consequências para o novo ser humano, nem o diferenciaria de outras espécies animais. Por outro lado, como dizem Szejer e Stewart (1997), nenhum outro animal é banhado e sensível, desde o útero, à linguagem; dimensão que o incorpora e o desnaturaliza, fazendo-o ultrapassar, para além do imaginável, aquilo que supostamente seriam limitações impostas por sua condição orgânica.

A linguagem é o que distingue o humano dos outros animais e o que permite aos humanos se distinguirem entre si, no exercício de suas singularidades; singularidades que se ligam a artefatos diversos e são agrupados sob a forma de cultura (PINO, 1995). A linguagem é também o campo do qual parte a língua, esta, sim, portadora das marcas peculiares da estrutura cultural, e que permeia a vida de seus “usuários” desde muito antes de eles se darem conta (LONGO, 2006).

Sobre a ligação e as especificidades da língua e da linguagem, ainda, vale a pena ressaltar o seguinte: “Tanto para Freud, Lacan e Saussure, a língua é um fato material que constitui o psiquismo agindo sobre a linguagem pela fala” (ANQUETIL, 2006, p. 37).

Com o advento da Psicanálise, tem-se admitido, portanto, que o sujeito não existe fora da língua e da linguagem. No entanto, essa ideia de constituição languageira não tem sua origem na Psicanálise, sendo, antes, tributo de questionamentos lançados por esta à linguística de herança saussureana (LONGO, 2006).

Mesmo reconhecendo a confusão em torno da ignorância recíproca entre Freud e Saussure (ARRIVÉ, 1999), à sua maneira, Freud forjou uma teoria na qual a palavra goza de

primazia na fundação e desenrolar dos processos psíquicos; fato que se assemelha a uma teoria linguística – uma linguística do inconsciente. E esta deixa não foi ignorada por Lacan.

Considerado, quase com unanimidade, o grande sucessor de Freud (COUTINHO-JORGE, FERREIRA, 2005), Lacan não somente promove a interlocução da Psicanálise com a Linguística de Saussure como, acima de tudo, formaliza tal empreendimento através da construção de um sistema conceitual em que o papel da linguagem é *central*.

Em virtude desse ato pródigo, novos horizontes foram sendo descortinados. O atendimento psicanalítico de bebês, por exemplo, tem sido um deles. E, ao afirmar isso, não tenho pretensão de desmerecer o trabalho de pioneiros, tais como Klein e Spitz. Porém, nenhum deles levou tão longe as articulações entre inconsciente e linguagem. Haja vista a célebre fórmula lacaniana “O inconsciente é, no fundo dele, tramado, encadeado, tecido de linguagem” (LACAN, 1955-1956 [1997], p. 139), resumida no axioma “O inconsciente é estruturado como linguagem”.

Mas, se em Lacan a ideia de inconsciente e de linguagem é mais consistente, o mesmo não se pode afirmar sobre a ideia de bebê, que, além de imprecisa, se associa à de *infans*, aquele que não fala.

Contudo, isso não quer dizer que para Lacan o bebê seja alheio à linguagem; pelo contrário: todo seu aparato conceitual sustenta uma teoria do inconsciente ancorado na linguagem, na qual o ser humano é concebido pelos poderes simbólicos do significante, antes mesmo de vir ao mundo.

A observação, aqui, diz respeito unicamente à escolha do termo *infans*, que “(...) não se aplica à criança, mesmo recém-nascida, pois embora ela não faça ainda uso da fala articulada, já se encontra desde o início no universo da linguagem, ou seja, desde o início é afetada por ela” (FERREIRA, 2011a, p. 73).

Havendo vários outros autores¹ que se ocupam da terminologia usada por Lacan para se referir aos bebês, essa discussão será deixada de lado. Mas o “início”, aludido por Ferreira (2011a), deve ser comentado, pois a noção de início da subjetividade está cercada por muita polêmica.

Tirando proveito da modernização dos recursos oferecidos pela medicina, sobremaneira, que dá mostras cada dia mais convincentes da sensibilidade do bebê no útero para os sons à sua volta, a Psicanálise tem questionado progressivamente em que ocasião pode ser situada a emergência do sujeito. Os trabalhos versam desde as competências

¹Conferir, por exemplo, Cullere-Crespin (2004), Laznik (2004) e as indicações de Ferreira (2011a e 2012).

comunicativas do bebê no ambiente intrauterino (BUSNEL, HERÓN, 2011; DUPOUX, 2011; GRATIER, 2011) até uma concepção tão radical quanto inconclusiva da existência de um psiquismo pré-natal ou fetal (PELLANDA, 1996; PIONTELLI, 1995, 1996; WILHEIM, 2006).

Ainda que haja muita polêmica ao redor desse “início” – mítico, no fim das contas –, um ângulo do debate parece consensual: o processo de constituição do sujeito na linguagem é desencadeado pelo nascimento, mesmo não coincidindo com o nascimento orgânico, conforme o postulado de que o nascimento efetivo do sujeito é efeito simbólico da trama significante sobre o organismo (AULAGNIER, 1986 [2010]; CELES, 2004; LEBRUN, 2004, 2008; VORCARO, 2001; ZORNIG, 2008).

Tomando como ponto de partida – literalmente! – esse início enquanto ingresso no significante, há pelo menos três décadas vem se consolidando a tendência de um nicho da Psicanálise de estudar a fala produzida no interior da relação mãe-bebê (LAZNIK, 2011). Nada mais justo. Uma vez que o “começo do sujeito” é situado nestes primeiros tempos de enlace com o outro, e a língua é a sua condição de possibilidade, a investigação das realizações linguísticas mãe-bebê deixa de ser de natureza opcional para se tornar de natureza imperativa.

Os estudos, dessa natureza, convergem para uma área denominada Aquisição da Linguagem (SCARPA, 2012). É o caso da Psicanálise, que, ao lado de outras disciplinas – a exemplo da Psicologia e das Neurociências –, comparece neste campo quando Cláudia De Lemos lança mão da linguística de Saussure e de Jakobson e recorre à obra de Lacan para inaugurar uma vertente original, o Interacionismo.

Como sempre acontece em casos de habitar um espaço comum, o encontro de disciplinas tem promovido atravessamentos mútuos. A descoberta do *manhês* é resultado de um desses atravessamentos. Trata-se de uma modalidade de fala assumida pelo agente materno² na interação com seu bebê. Caracteriza-se pela presença acentuada de picos prosódicos, conferindo musicalidade aos enunciados; da simplificação sintática e morfológica; e da decrescente assunção dos turnos do bebê pelo adulto, bebê por quem o adulto fala até uma certa idade, respeitando a estrutura conversacional padrão (FERREIRA, 2001a; 2001b; 2005).

²Geralmente identificado àquele que, independentemente da identidade sexual ou da gestação biológica, exerce a função de provisão das necessidades ambientais e afetivas do bebê. Mesmo que, por ora e para efeito de economia, utilize o termo “mãe”, é respeitando este sentido. No Capítulo 1, esse ponto será esclarecido melhor.

Claro que seria uma tremenda ingenuidade atribuir o andamento da constituição subjetiva ao exercício do manhês, tendo em vista que, apesar de estar presente em inúmeras culturas, não é um mecanismo universal (FERREIRA, 2001a, 2005). Sem falar que os aspectos paralinguísticos, ambientais e genéticos têm a sua repercussão. Todavia, não seria adequado fingir que numa cultura, na qual o uso do manhês é difundido, a sua ausência na fala materna não seria um indício preocupante; na medida em que a presença do manhês faz parte de um conjunto de fatores indicativos de que a relação pais-bebê está evoluindo a contento (FERREIRA, 2009; CULLERE-CRESPIN, 2004; CULLERE-CRESPIN, 2010).

Sem dúvida, não negligencio o fato de que a ausência de manhês possa indicar uma psicopatologia do bebê, e, mais ainda, uma patologia do laço formado entre ele e a mãe. Mas tal raciocínio não norteia o meu trabalho, porque sobre ele faço algumas ressalvas.

Ao cabo de cinco anos sendo interrogado pela clínica com bebês, tenho me convencido de dois fatos. O primeiro é que a comunidade psicanalítica tem verdadeira adoração pelo estudo dos quadros de sofrimento; quase sempre relegando ao segundo plano a investigação dos elementos envolvidos nos cenários típicos – como se estudar o que funciona tivesse um valor inferior ou fosse óbvio demais para merecer análise, se comparado às problemáticas de entrave relacional³.

Tudo bem que será difícil esbarrar, no consultório, com alguém que vá para falar o quanto é afortunado; buscando o psicanalista, portanto, sempre na ocorrência da ruptura, em que a angústia provocada pelo contato com o outro – sim, sempre o outro – extrapola a porção ordinária com a qual está acostumado a lidar. Menos ainda o fará uma mãe com um bebê que dorme muito ou que chora sem parar, que não come ou que não a olha de modo algum, ou que não vocaliza.

Segundo a minha experiência e a de outros colegas (BARBOSA, 2011⁴; FERRARI, 2012), essa barreira se coloca principalmente por dois motivos: o desconhecimento das mães de que há espaço na psicanálise para elas e seus bebês em sofrimento, alimentando a esperança de que, seja qual for o “problema”, é uma fase passageira – e às vezes é mesmo –; e, com as menos desavisadas, o medo de serem culpabilizadas pelos infortúnios que acometem o seu bebê – como se elas também não padecessem por isso...

³Isto se deve amplamente aos ensinamentos legados pelo próprio pai da Psicanálise, que escolhia sempre a via da patologia para abordar a “normalidade”. Entre muitos outros exemplos, ele dirá o seguinte: “(...) mais uma vez, teremos de recorrer às distorções e exageros que acontecem no campo do patológico para chegarmos ao que é aparentemente simples na normalidade” (FREUD, 1914 [2006], p. 103).

⁴A propósito, o texto de Barbosa (2011) é fabuloso: de uma beleza e de uma acuidade clínicas inspiradoras.

Mas a Psicanálise não é somente para mães e bebês que sofrem. Com ou sem o vetor sofrimento, ela pode beneficiar *as mães e os bebês*. E é em defesa dessa causa que invisto.

A propósito, exceto em casos graves ou de transtornos irreversíveis, não considero os momentos de ruptura com alarme. Encaro-os como um período de crise necessária a caminho do amadurecimento da relação pais-bebê – expansão do conceito de “amadurecimento pessoal”, preconizado por Dias (2008) e Loparic (1999), ao retomarem Winnicott.

Se pudesse resumir o modo como abordo a relação pais-bebê, diria que a minha clínica não está pautada naquilo que faltou ao sujeito, impedindo-o de ser, mas, sim, nas possibilidades de o sujeito ser a partir do que lhe falta – e isso não tem nada de banal; pelo contrário, não deixa de ser tão complexo de apreender quanto a psicopatologia. E foi por abordar a relação pais-bebê desse jeito que me vi lançado na exploração do manhês.

Os sucessivos encontros com os bebês na clínica interpelaram-me com impasses que só se resolviam em análises languageiras – até quando se tratavam de limitações orgânicas, pois, ao ter sido atravessado pela língua(gem), o organismo já havia se revertido em corpo pulsional tecido de palavras.

No curso do tempo, o contato com os bebês só ratificou a minha mais profunda intuição: como os adultos, os bebês também estão implicados no manhês. Confrontando minhas especulações com a teoria⁵, fui convencido de que a suspeita era um fato. E este fato, o segundo dos que falei que mencionaria logo atrás, relativo às minhas duas convicções, é o seguinte: o bebê reage ativamente às tentativas de o adulto inscrevê-lo na língua.

Descentrado pelo golpe de força que o significante efetua sobre ele, através da língua, o bebê “(...) pede à mãe que lhe leia o saber que está nele, saber ao qual, por essa leitura, ele vai poder identificar-se, tomando posse assim, simbolicamente, de um bem que ele já possui realmente” (BERGÈS; BALBO, 2002, p. 12).

É o bebê quem demanda à mãe a forçagem que ela opera sobre ele. Essa forçagem diz do modo como a mãe força o filho a se integrar ao simbólico, obrigando-o a levar em conta os afetos que ela nomeia para designar as experiências dele em referência às suas próprias. Contudo, o golpe de força em questão não é da ordem do traumatismo porque, dessa forçagem, o bebê e a mãe fazem uma elaboração discursiva (BERGÈS; BALBO, 2002).

⁵Ferreira (2005) dirá: “Enquanto conversam, mãe e bebê são mantidos não só na posição de falantes, mas, sobretudo, de interlocutores” (FERREIRA, 2005, p. 24). Gottlieb (2009) declarará: “Se até mesmo os bebês modelam ativamente a vida das pessoas à sua volta, contribuindo para a constituição de seus mundos sociais, certamente deve haver uma lição para nós, como analistas que buscam a compreensão da vida social em geral” (GOTTLIEB, 2009, p. 327). Saboia (2006) afirmará: “Devemos acentuar ainda que o ato de explorar engloba o fato de o bebê *transformar* as mensagens enviadas pelo ambiente. Desse modo, uma vez transformadas, elas serão emitidas como marcas próprias e genuínas do bebê, fazendo jus a todo seu potencial criativo” (SABOIA, 2006, p. 193).

Com base nesses achados, formulei a minha primeira hipótese: no início da trajetória constitutiva do sujeito, o manhês seria um campo privilegiado de contato entre este sujeito em constituição e a língua que o constituiria, representada pelo Outro.

O manhês, na fala do adulto, exprimiria a língua numa forma rudimentar, imprimindo, em compensação, uma marca afetiva que cativaria o bebê – nos dois sentidos expressos pelo verbo “cativar” –; levando-o a participar das trocas linguísticas ao perceber, mais cedo ou mais tarde, que no fundo da ação comunicativa do outro estaria alojada a intenção de ser estabelecida uma relação.

Restaria saber como essa marca afetiva garantiria a adesão do bebê ao manhês e a sua progressiva incorporação pela língua. Foi quando levantei a minha segunda hipótese, que, aliás, absorve a primeira: a aquisição da língua pelo bebê seria a solução narcísica que ele encontra para se tornar independente do Outro.

Vale pontuar que essa independência é imaginária e é através dela que o Eu adquire sua consistência enquanto instância de ilusões. Afinal, o bebê é ativo, mas não é autônomo, tendo em vista que precisa do Outro e que não se apropria da língua, sendo por ela apropriado.

Pois bem. Tenho suposto que o uso do manhês pelo adulto atrairia a atenção do bebê por jogar com duas dimensões da língua – da evidência e da opacidade –, em cujo intervalo se instalaria um registro faltoso, impelindo-o, assim, a remanejar essa carência através da atividade desejanste. Desejar significaria, para o bebê, tentar se apropriar da língua, aquilo que ora o aproxima (assemelha), ora o afasta (diferencia) do outro, de modo a poder se tornar capaz de tomar posse dela, objetivando antecipar a ação do adulto e evitar a angústia provocada quando ele a estiver manipulando.

Entretanto, venho calculando que quanto mais competente o bebê se torna na tarefa de possuir a língua, menos ele a possui. À medida que vai se identificando com a língua do adulto, o bebê começa a se esquecer de que ela nunca lhe pertencera; com o recalque deste fato, ele então ingenuamente a assume como uma condição natural.

Fiando-se numa onipotência narcísica originária, o bebê tentaria dominar a língua, mas seria por ela “trapaceado”, e, do auge de sua ilusão, ao acreditar ser o seu criador, estaria submetido às leis dela, inaugurando-se sujeito, caracterizado por uma divisão constitutiva (consciente/inconsciente).

Pensar dessa maneira não se harmoniza somente com a ideia de que o bebê é ativo frente à língua, mas também propõe um caminho para examinar empiricamente em que consiste a atividade. Ainda mais, levando em consideração que, por mais que se fale sobre as competências do bebê, do ponto de vista psicanalítico, ainda não há um modelo

suficientemente consistente para revelar aquilo que poderia ser identificado como o trabalho do bebê na sua missão de se tornar falante.

Diante do panorama apresentado, o objetivo desta pesquisa foi analisar como a participação do bebê, na construção do manhês, contribuiria com o adulto para o processo de constituição subjetiva do próprio bebê, através da língua.

Para fundamentar a argumentação, recorri a Freud, Lacan, Dolto e Winnicott. A importância de Freud e de Lacan, já explicitada, reside na ideia por eles sustentada de sujeito dividido pela ação da linguagem – ainda que em Freud isso fique mais apreendido do que explícito. Em relação a Dolto e Winnicott, seus trabalhos são relevantes na medida em que se dedicam, de forma tão exaustiva quanto brilhante, aos primórdios da subjetividade, estabelecida a partir do enlace afetivo entre um adulto e um bebê.

Mas eis que se instalaria um dilema: como fazê-los dialogar? É sabido que cada um desses pensadores criou um sistema teórico diversificado, complexo e, por vezes, contraditório. Em contrapartida, cada um de seus legados é reconhecido por uma *marca*. Seguindo essas pistas, foram extraídos e tensionados os conceitos de *narcisismo*, de Freud; de *pulsão invocante*, de Lacan; de *imagem inconsciente do corpo*, de Dolto; e de *transicionalidade*, de Winnicott. Estes conceitos não se mostraram apenas centrais, mas foram também capazes de abarcar as obras de seus criadores de maneira global, à medida que as atravessam por inteiro e se ramificam em outras noções, ligando-se a formulações as mais diversas: desde aquelas sobre o funcionamento típico até as que tratam de níveis insuperáveis do sofrimento.

Quanto à menção à Linguística, justifica-se porque, constatando que a Psicanálise não se detém sobre a elaboração do conceito de língua, recorri à Análise do Discurso de tradição pecheutiana. Num determinado momento de seu percurso teórico, apelando para um recurso explícito à *lalíngua*, elemento proveniente da teoria psicanalítica, Pêcheux forja um conceito de língua que interessa diretamente à Psicanálise: a língua representando a condição de base do discurso, através da irrupção das redes de memória inconscientes materializadas no significante (DE NARDI, 2003).

No mais, deve ser dito que o presente trabalho se organiza em quatro capítulos. O primeiro deles, *Estruturação na língua(gem) e processo de subjetivação*, foca a vertente do campo da Aquisição da Linguagem à qual me filio parcialmente, aquela afetada pela hipótese do inconsciente: o Interacionismo de Cláudia De Lemos. Inspirado em De Lemos, faço algumas precisões que me permitem pensar a aquisição da língua em termos propriamente

psicanalíticos e justificar o apelo à Análise do Discurso de linha francesa, na tentativa de delimitar o conceito de língua.

No segundo capítulo, *O manhês e a psicanálise*, apresento os fundamentos teóricos que amparam a pesquisa, focando na participação do bebê no manhês durante a sua trajetória de constituição subjetiva através da língua. Faço a apresentação primeiramente a partir de uma revisão de literatura acerca do manhês; em segundo lugar, tendo por base a articulação dos conceitos psicanalíticos de *imagem inconsciente do corpo*, *pulsão invocante*, *narcisismo* e *transicionalidade*, já mencionados.

O terceiro capítulo trata dos *Métodos*. Nele exponho o quadro no interior do qual este estudo foi concebido, ou seja, a Pesquisa PREUT-Brasil. Para tanto, indico os princípios epistemológicos, os instrumentos e os procedimentos de coleta e análise dos dados.

Trilhas do bebê na língua do inconsciente é o quarto e último capítulo. Aqui eu procedo com a releitura de um caso clínico que desenvolvi em decorrência da Pesquisa PREAUT-Brasil, centrado nos efeitos de retenção e de deslize do significante “língua” sobre a constituição psíquica de um bebê do sexo feminino, tendo como bússola o discurso materno e a participação do próprio bebê no manhês. A escolha desse caso se justifica não somente pelo enorme teor didático com que ilumina a proposta teórica aqui defendida, mas também – ao conservar uma carga transferencial emblemática – por se impor como marco dos desenvolvimentos que a noção de sujeito constituído por língua(gem) assumiu para mim.

2 ESTRUTURAÇÃO NA LÍNGUA(GEM) E PROCESSO DE SUBJETIVAÇÃO

2.1 O INTERACIONISMO DE CLÁUDIA DE LEMOS

No curso dos momentos iniciais do seu desenvolvimento, as primeiras palavras proferidas pelo bebê em geral são acolhidas com verdadeiro júbilo pela família, que parece reconhecer naquele gesto singelo toda a energia empreendida pelo pequenino em se fazer compreender; utilizando um sistema de signos que sintetiza, num curtíssimo espaço de tempo, toda a evolução filogenética da espécie humana: a linguagem.

Porém, investigações sistemáticas sobre o modo de o bebê e a criança pequena adquirirem a linguagem foram realizados apenas recentemente, segundo Scarpa (2012). Conforme Pereira-de-Castro (2011a), somente a partir do fim do século XIX e primeira metade do século XX alguns linguistas, guiados tanto por interesse parental quanto profissional, elaboraram diários da fala espontânea de seus filhos. Algumas das amostras mais abrangentes da fala infantil foram registradas pelos chamados “diaristas”, grupo composto por linguistas ou filólogos interessados no estudo dos seus próprios filhos.

Tratava-se de trabalhos que mostravam uma minuciosa descrição e uma reflexão mais intuitiva do que teórica. Ao contrário das pesquisas aquisicionais das últimas décadas, não buscavam situar nos dados produzidos pelos bebês e crianças evidências a favor de alguma teoria linguística ou psicológica, embora tenham se inserido nas teorias linguísticas e psicológicas da época (SCARPA, 2012).

A propósito, enquanto campo de estudo, a Aquisição da Linguagem consiste num terreno híbrido, heterogêneo e multidisciplinar, devido às suas indagações. Ocupando a zona de interface entre teorias linguísticas e psicológicas, tem herdado certos questionamentos advindos da Psicologia (comportamental, desenvolvimental, cognitiva, entre outras tendências) e da Linguística.

Por outro lado, as questões suscitadas pela Aquisição da Linguagem, bem como os problemas metodológicos e teóricos colocados pelos próprios dados aquisicionais, com frequência têm levado tanto a Psicologia (sobretudo a Cognitiva) como a própria Linguística a se atualizarem e a reverem os seus lugares. Por isso é que se diz que a Aquisição da Linguagem tem sido um laboratório de discussão teórica tanto da Linguística quanto da Psicologia, e, de uns dez anos para cá, das Neurociências (KAIL, 2013; SCARPA, 2012).

Mesmo considerando a vastidão do campo de estudos sobre a aquisição da linguagem, as limitações do presente trabalho impõem que seja feito um recorte. Consequentemente,

escolhi apresentar em linhas gerais o percurso do trabalho de De Lemos devido à sua proposta ser aquela à qual me filio em certos aspectos; apesar de seu trabalho não focalizar empiricamente a relação mãe-bebê, detendo-se, pois, na interação criança-adulto.

Ao abandonar as ideias de “aprendizagem” e de “desenvolvimento” (DE LEMOS, 2006) – enquanto promovia a interseção entre Linguística e Psicanálise –, e ao adotar uma posição estrutural – em que a aquisição da linguagem resulta da estrutura triádica criança-adulto-língua –, ela me munuiu de ferramentas para indagar a aquisição num período mais precoce. Quer dizer, tomando como elementos desta estrutura o bebê, a mãe e a língua.

Embasada em Saussure e Lacan, De Lemos oferece uma direção alternativa aos estudos sociointeracionistas brasileiros ao resgatar o diálogo entre Linguística e Psicanálise. Aliás, devido à sua imersão na teoria psicanalítica, atualmente é mais justo nomear o seu trabalho apenas como “interacionismo” (DE LEMOS, 1999, 2002a).

Para que se entenda a perspectiva de De Lemos é preciso, então, explicitar o sentido que o termo “interacionismo” recobre para ela. Essa tarefa, contudo, não é fácil por causa das modificações sofridas no decorrer do seu “esforço de teorização”. Por isso, optei por refazer o caminho já desbravado por Lier-De-Vitto e Carvalho (2008) e apresentá-lo de forma panorâmica, conforme seguirá.

Se no sociointeracionismo era destacado o outro-social, para Cláudia De Lemos o que está sendo constantemente posto em questão é o outro-falante. Quando a ênfase recai sobre o outro-social privilegia-se a construção da dinâmica da intersubjetividade, que, com efeito, sugere a dualidade e conduz a argumentação em favor da compreensão de díade mãe-criança. Como se vê, a ideia de interação pregada no sociointeracionismo implica uma atitude de simetrização entre os participantes.

Assumindo o compromisso com a fala da criança e reconhecendo a ordem própria da língua, a autora opera um corte, tanto do ponto de vista teórico quanto metodológico, entre o seu e os outros interacionismos. Indo na contramão da tradição que “higienizava” os enunciados da criança, descartando a irrupção dos erros, hesitações, irregularidades e limitações do material a ser analisado, De Lemos propõe uma solução eficaz e criativa: tomar o diálogo como unidade de análise e o erro como dado de eleição (LIER-DE-VITTO; CARVALHO, 2008).

Todavia, para isso seria preciso reorientar o modo de abordar essas produções. É em virtude desta pressão teórico-metodológica que ela assumirá a ligação entre o diálogo e o erro como inscrita numa estrutura, em que a fala da criança é indeterminada do ponto de vista categorial, mas dialogicamente determinada com relação à fala do outro. Tem-se que

imbuídas na concepção de diálogo estão as proposições de opacidade dos enunciados – e necessariamente da não-coincidência entre os falantes – e da implicação mútua entre diálogo e interpretação.

Havendo, pois, uma dependência dialógica da fala da criança à fala do adulto, o processo de aquisição da linguagem, através do diálogo, veio a ser concebido como um “procedimento de produção através do qual criança e interlocutor compõem, conjuntamente, um enunciado ‘linguístico’” (CORRÊA, 1999, p. 363).

Ao introduzir os processos dialógicos como meio de descrição do jogo da linguagem sobre a própria linguagem, De Lemos acolhe as manifestações insólitas da fala da criança e se interessa por decifrar aquilo que nelas resistia à apreensão. Ou seja, abordando a fala infantil como material indócil, ela inaugura a possibilidade de escutar a resistência que essa fala opõe às metas visadas pela purificação da investigação científica.

O enigma, isto é, a resistência da fala da criança à sistematização, ou à categorização pretendida, vem à tona através da constatação empírica da presença de fragmentos de enunciados do adulto nas produções infantis – verdadeiros “pedaços” não analisados pela criança.

Os estudos sobre essa interação levam-na a recusar a relação dual e suspender a fórmula cognitiva sujeito-objeto – no caso, criança-linguagem – como motor da aquisição. É quando ela evoca a relação dialógica criança-mãe enquanto matriz conceitual, e postula que nela se conjuga o processo de especularidade, ao qual se agregariam os processos de complementaridade e reciprocidade ou reversibilidade (DE LEMOS, 1986, 2002a, 2002b).

Sobre o primeiro processo, a especularidade, é definido como a repetição, na fala da criança, de partes dispersas do enunciado precedente da mãe, bem como a incorporação da fala da criança no enunciado materno. A especularidade a princípio ocorre de maneira imediata, equivalendo a um espelhamento propriamente dito, e em seguida se faz sentir por seus reflexos (especularidade diferida), quando a produção da criança não ancora seus referentes no contexto.

A especularidade, em de De Lemos, faz referência, ainda, ao *estádio do espelho*; definido por Lacan (1949) como processo estruturante para o sujeito, a partir da identificação da criança com uma imagem unificada de si, refletida pelo olhar do outro enquanto espelho, num momento em que a sua imaturidade neurológica antecede o domínio coeso das funções orgânicas.

Por sinal, o olhar, nessa perspectiva, deve ser distinguido da visão porque a visão corresponde ao funcionamento de órgãos, enquanto o olhar é uma função psíquica que implica a questão da representação (CULLERE-CRESPIN, 2004).

Esta distinção se presta, entre outros motivos, à compreensão do estágio do espelho como operação ontológica, abarcando mesmo as situações de *déficit* sensorial. A cegueira é um caso ilustrativo, pois “Os cegos, por acessos alternativos, também caminham pela encruzilhada estrutural do estágio do espelho” (SANTOS; MARINHO, 2009, p. 7).

Voltando à discussão dos processos dialógicos, o segundo é a complementaridade, que pode ser descrita como preenchimento do espaço vacante aberto no discurso interrogativo ou lacunar do adulto; o qual a criança responde por si própria ou acrescenta um significante resgatado daquilo que do outro agora é seu sob a forma de léxico.

Já a reciprocidade ou reversibilidade, terceiro processo dialógico, responde pela própria instanciação do papel assumido pela criança no diálogo, imputando a si mesma a posição que antes era exclusiva da mãe: a de produzir algo interpretável como resposta que respeita as leis estabelecidas pelo Outro (DE LEMOS, 1986).

Revisitando seus trabalhos com uma teoria da linguagem e do sujeito afetada pela hipótese do inconsciente, De Lemos não mais falará em processos dialógicos, pois um terceiro termo se interpõe reordenando a estrutura, que deixará de ser dialógica (outro nome para diádica?) e assumirá a configuração triádica. Esse terceiro termo é a língua. Portanto, o espelho para a criança será agora a língua na fala do outro.

Sendo ressignificada pelo reconhecimento da ordem própria da língua, a especularidade passa a ser enquadrada no ponto de vista linguístico. Amparada pela psicanálise lacaniana, a autora admite que, estando numa estrutura, a criança é uma promessa, um vir a ser falante, antecipado pelo Outro; este último, instância de funcionamento da língua ou instância de funcionamento linguístico-discursivo, que interpreta a criança – ainda que os efeitos dessa interpretação não sejam previsíveis (DE LEMOS, 1995).

Nessa perspectiva, a ideia de “aquisição” cede lugar à concepção de trajetória de constituição subjetiva a partir dos efeitos de *captura* da linguagem, isto é, sua proposta vai no sentido de definir a aquisição da linguagem como processo de subjetivação. Nas palavras da autora: “Falar em processo de subjetivação significa colocar a anterioridade lógica da linguagem relativamente a um corpo pulsional que é por ela capturado e significado” (DE LEMOS, 2000, p. 55).

Configurado por mudanças de posição da criança numa estrutura em que a língua e a fala do outro estão indissociavelmente relacionadas, o corpo pulsional ao qual a autora se

refere é o próprio corpo da criança, cuja atividade demanda interpretação (DE LEMOS, 2006). “De fato, qualificar a ‘mudança’ como sendo ‘estrutural’ é incompatível com visões da criança como entidade independente que passa sucessivamente por estados ordenados de conhecimento” (DE LEMOS, 2006, p. 31). Logo, no que tange às mudanças de posição da criança na estrutura, De Lemos propõe uma nova combinação.

A primeira posição evidencia a dominância da fala do outro na manifestação dos fragmentos acoplados à fala da criança. A segunda posição dá a ver a dominância do funcionamento da língua, que faz emergir erros de diversos tipos, os quais a criança é impermeável à correção. A terceira posição, enfim, expõe a dominância da relação da criança com a sua própria fala. Surgem, aqui, as reformulações e autocorreções, fruto do reconhecimento, pela criança, da diferença entre a sua fala e a fala do outro, e da sua divisão como falante e como ouvinte do próprio enunciado, escutado como sendo de um outro.

É relevante salientar que, estando a criança, o outro e a língua estruturalmente vinculados, as mudanças de posição devem ser entendidas como mudanças de posição em uma estrutura (DE LEMOS, 2002a), repelindo a ideia de superação de estágios ordenados e lugares estanques. Diz-se isso, pois, além de se interpenetrarem, as posições podem ser ocupadas alternadamente pelo adulto e pela criança, na medida em que ambos estão submetidos à ordem própria da língua.

Diante do exposto, passo às considerações de De Lemos especificamente sobre cada um dos termos dessa tríade – criança-outro-língua – e como tirei proveito disso ao me voltar para a aquisição da linguagem no período das trocas precoces entre a mãe e o bebê, do ponto de vista psicanalítico.

2.2 ALGUMAS PRECISÕES

Ao se interrogar sobre quem falava na fala da criança, De Lemos institui uma concepção de outro considerado mais do que um interlocutor empírico – aquele que atribui significados, intenções e expectativas. Este termo da tríade é concebido como instância de funcionamento linguístico-discursivo, um lugar de alteridade interpretante das manifestações infantis destinadas ao propósito linguístico.

O modo como o conceito de criança vai sendo erigido em De Lemos é ainda mais valioso, pois, mantendo-se fiel aos pressupostos psicanalíticos, a criança se torna sinônimo de corpo pulsional, de acordo com o que se pode atestar em suas próprias palavras:

No lugar da criança referida como organismo – corpo biológico sob a égide da necessidade – passo a colocar, portanto, o corpo pulsional, qualificado [...] como o “que demanda interpretação”, isto é, corpo que, “articulado na e pela linguagem”, se acha no regime da demanda e do desejo (DE LEMOS, 2002a, p. 64).

Embora tenha sofrido profundas reformulações até chegar à sua forma atual, enquanto dispositivo teórico, a língua em De Lemos equivale ao funcionamento simbólico que incide sobre o corpo pulsional através de uma anterioridade lógica que o captura; destinando-o à condição de sujeito do significante, significando-o e permitindo-lhe significar para além daquilo que o significou (DE LEMOS, 2002a; LIER-DE-VITTO e CARVALHO, 2008).

Mobilizado pelos questionamentos acerca da constituição do sujeito na linguagem, impostos pela clínica com bebês, encontrei no modelo de De Lemos, portanto, uma inspiração, a começar pelo corpo pulsional articulado na e pela linguagem.

O corpo que é objeto da psicanálise ultrapassa o somático e constitui um todo em funcionamento coerente com a história do sujeito. Ao elaborar uma teoria da sexualidade, Freud empreende uma verdadeira revolução na concepção de corpo; revolução esta que se inicia, segundo Lazzarini e Viana (2006), com a revisão do conceito de corpo que parte da biologia e desemboca na erogeneidade, isto é, em sua inscrição na linguagem, na memória, na significação e na representação.

Marcado pelo desejo inconsciente e atravessado pela linguagem, o corpo psicanalítico desvela a sexualidade e traz à tona uma lógica regulada pelo erotismo e pelo desejo. Em psicanálise, a sexualidade tem um lugar incontestável na constituição do sujeito. “Essa sexualidade, que em Freud tem uma multiplicidade de significados e não um sentido único, seria não só da ordem do biológico, mas também da linguagem” (LAZZARINI; VIANA, 2006, p. 243).

O corpo sexual freudiano está fragmentado em diversas zonas, denominadas por ele de “zonas erógenas”, que são lugares privilegiados onde se manifestam as pulsões – neste caso, autoeróticas. Conceito limite entre o somático e o psíquico (FREUD, 1915), a pulsão foi concebida como algo fundamental que ancora o psiquismo no corpo.

Numa passagem subsequente, Freud (1915) esclarecerá que na vida psíquica a moção pulsional pode ser identificada ao tomar uma das duas vias: expressando-se em estado “puro”, isto é, como afeto, ou ligando-se a uma representação. “Ou seja, se a pulsão não aderisse a uma ideia ou não se manifestasse como um estado afetivo, dela nada saberíamos” (FREUD, 1915 [2006], p. 28).

Oliveira (2009) lança luz sobre essa questão ao dizer que, se não é possível considerar nada quanto à pulsão fora dessas duas vias, se deve entender a determinação da vida pulsional como dependente das possibilidades de representar a pulsão, uma vez que pela via dos afetos ela guarda a característica de indefinição. Nesse sentido, os aspectos pelos quais a pulsão se revela – o impulso, o alvo, o objeto e a fonte – somente podem ser definidos mediante o processo de representação. O autor dirá, ainda:

As possibilidades de representação da pulsão e de definição pulsional dependem, por sua vez, de que a efetivação desse processo encontre suporte em certos elementos da língua. Esses elementos podem ser uma palavra ou parte de uma palavra, bem como um conjunto de palavras ou letras (OLIVEIRA, 2009, p. 77).

De fato, para ser representada, a moção pulsional deve passar necessariamente pelo suporte material dos elementos de uma língua. Porém é importante ressaltar que as representações não se confundem com as próprias palavras ou termos desta língua (OLIVEIRA, 2009).

A lição que se tira disso tudo é que o corpo da psicanálise não é uma experiência primária do sujeito. Aliás, este corpo só é acessível ao sujeito mediante uma série de ações que são mediatizadas sempre pelo simbólico.

Partindo do princípio de que a pulsão desnaturaliza o imediatismo dos instintos, transformando as necessidades em desejos, e que o sujeito da psicanálise se manifesta através dos seus desejos, tem-se que o bebê, apesar de ainda se encontrar em processo de constituição, é já um sujeito de linguagem (BOUKOBZA, 2006; PLEIN, 2003). Contudo, mesmo sendo ativo, como eu disse, o bebê não é autônomo, de modo que o seu processo de subjetivação se dá inevitavelmente com referência ao outro.

A propósito da dimensão alteritária, o esclarecimento necessário sobre a aposta de De Lemos é entender o inconsciente, e não a língua, enquanto alteridade radical, apesar de que nela ele se estrutura. Inclusive porque o inconsciente, tomado em seu estatuto originário, seria a dimensão da alteridade por excelência (FIGUEIREDO, 1998).

Moreira (2003) acrescentará que “O inconsciente pode ser denominado de modo pleonástico, em contraposição ao ‘outro-abstrato’, como um ‘outro-alteritário’ ou, para simplificar a expressão, poderemos designá-lo apenas através de uma forma substantivada, como o ‘alteritário’” (MOREIRA, 2003, p. 264).

Nota-se que definir o intrincamento entre alteridade e inconsciente se impõe como um complexo de múltiplas derivações semânticas, exigindo uma descrição dos diferentes graus de

comparecimento do outro. De todo modo, Lacan oferece um operador conceitual que atua como matriz para o entendimento de todos os desdobramentos que o conceito de “outro” assumiu na teoria psicanalítica.

Ao declarar que “o inconsciente é o discurso do Outro” (LACAN, 1953 [1998], p. 266), Lacan institui a dimensão de onde emanam as determinações simbólicas do sujeito; o arquivo apagado dos ditos de todos os outros significativos para ele, até antes de seu nascimento. Este Outro (grande outro), escrito com a inicial maiúscula, é distinto do pequeno outro (do semelhante), pois consiste no conjunto de significantes que marcam o sujeito em sua história, seu desejo, seus ideais (QUINET, 2012).

Não é à toa que Lacan (1968-1969) consagra ao Outro o estatuto de “tesouro dos significantes”, lugar da linguagem, e, como tal, prévio ao sujeito; sendo que cada um desses significantes representa o sujeito para o outro ou os outros significantes.

Entendendo o significante como “aquilo que representa o sujeito para outro significante” (LACAN, 1960 [1998], p. 833), observa-se a natureza fluida e intervalar do sujeito. Ou seja, sendo um vazio, um furo na linguagem, seu destino é deslizar pelas cadeias significantes.

Quinet (2012) alertará, todavia, que alguns significantes do Outro têm a força de determinação e se impõem como se fossem uma obrigação que o sujeito deverá acatar para se definir em certas cadeias mortificantes. São significantes que rotulam o sujeito e aos quais ele se aliena. Cabe lembrar que o sujeito nunca é aquilo que o Outro aponta para ele, mas nesses casos fica circunstancialmente retido. É quando, ao ingressar na experiência de uma análise, se reabre a sua possibilidade de voltar a deslizar.

Adicionalmente, é necessário dizer que o Outro, como lugar (psíquico) dos significantes do sujeito, é inacessível, a não ser pelas formações do inconsciente – sonhos, lapsos, chistes e sintomas. Por conseguinte, é no instante disruptivo de retorno desse material recalçado que o sujeito experimenta a alteridade nele presentificada (QUINET, 2012).

O Outro do discurso inconsciente, pois, jamais está ausente na relação do sujeito com o outro, seu semelhante. É o Outro do pacto da fala sempre latente, constituindo uma triangulação, que incide na díade imaginária mãe-bebê. Com efeito, uma perda de gozo é concomitante a essa instauração da Lei simbólica.

Mesmo assim, não há constituição de sujeito possível sem que, atrelado à frustração, esteja inscrito o *traço de prazer* na economia psíquica. E a responsável por inscrever este traço é mãe. Ou melhor, o agente que se encarrega de exercer a função materna para o bebê. Mas no que consiste esta função?

Diferente do que ocorre com a maioria dos filhotes dos outros animais, o nascimento do filhote humano lança-o numa situação de desamparo correspondente à sua imaturidade fisiológica. Neste período, e um pouco mais adiante, a sobrevivência do bebê depende única e exclusivamente da disponibilidade de alguém que se preste a suprir todas as suas carências. Segundo Winnicott (1956 [2000]), esse alguém não é outro senão a mãe.

Todavia, a “mãe” da qual se fala nem está identificada a quem gesta, nem o exercício de sua função depende do gênero feminino (CULLERE-CRESPIN, 2004), embora possa com eles coincidir.

Nessa perspectiva, o termo “mãe” assume a conotação específica de “função materna”: o equivalente a um bloco de ações que garantem ao bebê continuar experimentando a plenitude intrauterina fora do útero, a partir da provisão de todas as suas necessidades, cuja origem se localiza no organismo e cujos desdobramentos serão o corpo e o psiquismo.

Ligada com o seu bebê de modo fusional, como está inicialmente, a mãe estimulará a onipotência infantil e atuará favorecendo o princípio do prazer (FREUD, 1911). A dimensão de gozo com a função materna e a falta deflagrada pela língua estariam, pois, no cerne da atividade languageira, engendrando uma relação de nunca acabar: o sujeito sofre e goza por falar.

Sustentado por uma nostalgia do gozo da completude imaginária, proporcionada pelas experiências com sua mãe, o sujeito fala; mas falar implica o reconhecimento de uma perda, isto é, a impossibilidade de tudo dizer. Em outras palavras, sempre que houver a língua, algo faltará.

Na medida em que a Psicanálise não se detém na elaboração de um conceito de língua e que a Linguística de Saussure abole o sujeito em detrimento do sistema, recorreu-se à disciplina na qual essas inquietações se convertem em fator de trabalho: a Análise do Discurso de linha francesa, que, ao abordar a língua como condição de base do discurso, inclui em sua teorização a indissociabilidade entre a opacidade – relativa ao inconsciente –, a história – fundada nas redes de memória – e a materialidade – suportada pelo significante.

2.3 O APELO À ANÁLISE DO DISCURSO

A Análise do Discurso aborda a língua de uma maneira diversa daquela pela qual a Linguística o faz. A Linguística saussureana amputa o componente subjetivo da língua ao considerá-la um sistema arbitrário.

Em seu *Curso de Linguística Geral*, Saussure, ao mesmo tempo em que define o objeto da linguística justamente como a língua enquanto sistema, exclui não apenas o elemento subjetivo. Por outro lado, não se detém nas outras formas de manifestação discursivas não ligadas ao verbal, deixando-as a cargo da Semiótica (ALÓS, 2004).

Dito de outro modo, mesmo reconhecendo o social como parte constituinte da língua, Saussure não consagra ao social o estatuto de objeto da Linguística, e reconhece, mas não considera o domínio extralinguístico e outras práticas de produção de sentido inerentes à sua ciência, isto é, à Linguística Estrutural.

Tentando responder à questão “o que é a língua?”, Saussure (1916) reconhece o componente interacional desta, embora não o enfatize no objeto que constrói para a linguística. Note-se o que ele diz a respeito:

Mas o que é a língua? Para nós, ela não se confunde com a linguagem; é somente uma parte determinada, essencial dela, indubitavelmente. É, ao mesmo tempo, um produto social da faculdade da linguagem e um conjunto de convenções necessárias, adotados pelo corpo social para permitir o exercício dessa faculdade nos indivíduos (SAUSSURE, 1916 [2013], p. 41).

Sim, há em Saussure a menção a um componente social e a um componente interacional da língua. A grande questão é que esses aspectos da língua são deixados de lado, e o “objeto da linguística” acaba privilegiando apenas o “conjunto de convenções necessárias”. Assim, inaugura-se uma forma determinada de se pensar a língua que a encara como um sistema formal e abstrato (ALÓS, 2004).

Tendo em vista a dualidade constitutiva da linguagem, apreendida por uma linguística que desenha seu objeto enquanto estrutura abstrata lógico-formal, torna-se necessária uma nova perspectiva de estudos da linguagem que recupere os elementos interlocutivo e ideológico que constituem a língua enquanto produto resultante da interação social.

Para a Análise do Discurso de linha francesa, a língua deve ser encarada como constituinte essencial do discurso em si. A partir do trabalho de Pêcheux, a língua passa a ser vista não apenas como conjunto de convenções formais das quais o sujeito se apropria para significar, mas, acima de tudo, como condição de possibilidade do discurso.

Com Pêcheux (1975 [2014]), pode-se dizer que a língua é a materialidade do discurso, a base comum para a realização de processos discursivos vários. Tal materialidade discursiva é, ao mesmo tempo, linguística e ideológica, e ideológica porque histórica. Linguística porque se realiza no plano da enunciação e ideológica porque está sempre vinculada aos processos de

representação da luta de classes subjacente ao imaginário discursivo, que se põe em movimento no plano simbólico dos significantes (INDURSKY, 2013).

Tendo a base material significativa, na língua se inscrevem repetições, falhas e deslocamentos que permitem a circulação do sujeito e a irrupção do real. Estando o sujeito atrelado às redes significantes, ele está na língua e está sendo por ela trabalhado (ORLANDI, 2004); trabalho que consiste em inseri-lo num mundo dotado de significados que o antecedem. Há, nesta inserção, uma memória discursiva condicionando este mundo para o sujeito, o que quer dizer que ele não escolhe o modo pelo qual é interpelado.

Apesar disso, se ele é regido pela lei do significante, tanto pode se identificar com essa interpelação como negá-la. No entanto, quer se posicione de um modo, quer se posicione de outro, essa tomada de posição é regida por determinações históricas e inconscientes, fazendo com que o processo de identificação-interpelação fique circunscrito às filiações constituídas por redes de memória (MARIANI, 1999).

É por esse motivo que De Nardi (2003) sustentará a ideia de que há uma forte e inegável ligação entre constituição subjetiva, imaginário e memória. De acordo com a autora, se a constituição subjetiva se faz por meio de processos de identificação, esta, por sua vez, se dá com base no imaginário, entendido como “matriz de dizeres” (DE NARDI, 2003, p. 79), que antecede a identificação do sujeito e se materializa pela intervenção do simbólico.

Pensado nesses moldes, o imaginário, para ela, seria entendido como uma série de discursos anteriores pelos quais se cria para o sujeito tanto a imagem da língua com a qual ele se relaciona quanto a sua própria imagem. “Esse lugar anterior, intradiscursivo, é o lugar da memória, o espaço em que ela fica ‘guardada’, formando lugares de dizer em que os já-ditos se assentam esperando o momento de retornarem pelo discurso” (DE NARDI, 2003, p. 78).

E eles sempre retornarão. No campo da ordem própria da língua, o seu funcionamento linguístico-histórico, no regime material do significante, está passível de falhas, de equivocação – verdadeiras brechas no sistema. A essas brechas Gadet e Pêcheux (1981 [2004]), fazendo menção a Milner (2012), dão o nome de *real* ou *impossível da língua*.

Sintetizando a argumentação de Milner (2012), é possível afirmar que os fundamentos do real que constitui a língua da Análise do Discurso é da ordem do não-todo, lugar em que se fala do que não pode ser dito, daquilo que está ausente mas faz eco. Cada uma das línguas erige a sua unicidade ao redor desse vazio no real.

(...) o fato de que haja língua tem a ver com o fato de que haja inconsciente – com isso, os mecanismos da primeira repetem os do segundo (é a tese dos

sentidos opostos nas palavras primitivas⁶) e vice-versa. Disso decorre, mais precisamente, que possa ser definido um ponto em que a língua – ao mesmo tempo o fato de que ela exista e de que ela tenha tal forma – e o desejo inconsciente se articulem. Esse ponto, diferentemente de Freud, Lacan nomeou: é a língua (...) (MILNER, 2012, p. 65).

Lalíngua marca o encontro entre língua e inconsciente, marcando, também, a possibilidade de que existam sujeitos falantes. Entender o real do inconsciente como ponto de ruptura permite pensar no que sempre falta e escapa às cadeias significantes já constituídas no discurso do sujeito.

A língua do real nega a transparência dos sentidos, encaminhando, desse modo, para um sentido dominante que se estabelece pela insistência do dizer, pelo esquecimento/apagamento de outros sentidos possíveis. É na tensão entre esquecimento e retomada que vive a memória. As palavras mesmas estão marcadas por esse fantasma, já que, dotadas de vida, de história, de um caminho discursivo, não funcionam nunca com neutralidade, definindo, por sua discursiva trajetória, os efeitos de sentidos possíveis de serem produzidos (DE NARDI, 2003).

Pereira-de-Castro (2006; 2011b) avança essas questões ao propor que a língua dita materna seria prototípica da inscrição inicial do sujeito nas redes de memória por uma dupla especificidade: primeira, por colocá-lo numa trajetória de aquisição da linguagem que não se repete; e, segunda, porque, apesar de ser uma experiência irrepetível, instalaria no psiquismo do bebê um componente de gozo que o faria querer a ela retornar – mas sem sucesso, haja vista que, sendo atravessada por diversas materialidades, levá-lo-ia a se perder no labirinto discursivo. Segundo suas próprias palavras:

(...) em certas situações, pode-se supor que a língua materna seja constituída por materialidades linguísticas diversas, provenientes de mais de uma língua. Não se trata de uma hipótese sobre o bilinguismo, sobre a relação de duas totalidades de língua bem definidas, mas, sobretudo, de uma experiência – entendida como um vivido – atravessada por línguas, etnias ou culturas diversas. O que o sujeito sabe delas nem sempre coincide com o reconhecimento desse saber e muito menos com um uso que caracterizaria o chamado bilinguismo. Por isso a assunção, aparentemente paradoxal, de que a língua materna é inesquecível, mesmo quando não a reconhecemos na superfície da fala (PEREIRA-DE-CASTRO, 2006, p. 144).

No capítulo seguinte, as elaborações desenvolvidas até o momento serão pensadas no enquadre teórico da psicanálise, sendo o manê o espaço discursivo adotado como

⁶Alusão ao texto de Freud (1910), “O sentido antitético das palavras primitivas”.

privilegiado na tentativa de evidenciar o trabalho efetuado pelo bebê, no laço com o outro, rumo à sua constituição subjetiva.

3 O MANHÊS E A PSICANÁLISE

3.1 ACERCA DO MANHÊS

Segundo Ferreira (2001a), a mãe fala ao bebê de uma forma bem especial, isto é, operando uma série de distorções na estrutura da língua de que é usuária, na tentativa de adaptá-la às necessidades do bebê. Ainda segundo a autora, essa maneira particular de se dirigir ao bebê, embora não tendo um caráter universal, está presente em inúmeras culturas (FERREIRA, 2001a; FERREIRA, 2005) e ganhou nome: “Nós, brasileiros, a chamamos, segundo a região a que pertencemos, de ‘manhês’ ou ‘maternalês’” (FERREIRA, 2001a, p. 97).

Conforme Cavalcante (2005), foi durante a metade da década de setenta que o manhês, que ainda não tinha recebido esse nome, começou a ocupar espaço nos estudos linguísticos. Nestes trabalhos, centrados exclusivamente na natureza da fala materna, a principal conclusão a que chegaram foi a de que tal fala funcionaria como um *input* para a criança pequena, que, ao extrair dela categorias linguísticas, “aprenderia” a língua.

Isto se deve à sua configuração particular no que diz respeito a características morfológicas, sintáticas e fonológico-segmentais peculiares como: o uso de sentenças gramaticais curtas; repetições; simplicidade sintática; itens lexicais infantilizados e da modificação da articulação de certos segmentos; elevação de altura; entonação exagerada; grande número de perguntas e imperativos. Tais simplificações seriam utilizadas pelos falantes devido à imagem que se faz das dificuldades linguísticas das crianças pequenas (CAVALCANTE, 2005, p. 31).

O “reconhecimento”, ou, melhor dizendo, a inferência dessas dificuldades é regulada pela identificação da mãe com o seu bebê. Ponto de vista que rejeita a hipótese do *input* e o seu caráter de aprendizibilidade, levando em consideração que o que está posto em cena é o inconsciente.

Ferreira (2001b) corrobora a ideia – do inconsciente sobre o *input* – ao dizer que um dos principais objetivos ao se falar em manhês não consiste tanto em sanar as carências linguísticas do bebê quanto consiste no desejo materno de manter a interação. Aliás, interação que não se organiza aleatoriamente, mas, ao invés disso, que se organiza sempre orientada para a execução de metas, através de um movimento intencional da mãe, e na atribuição projetiva de intenções no bebê.

Eis porque não se pode falar em via facilitativa tampouco: na medida em que a mãe projeta conteúdos seus, quem facilita o quê? Embora o bebê venha a se posicionar assertivamente perante aquilo que lhe vem da mãe, todas as suas expressões estão condicionadas à interpretação dela, ainda que possa com elas não coincidir. Ferreira (2003) acrescentará que:

A simplificação sintática e léxica do enunciado materno parece ser compensada pela abundância das marcas prosódicas que lhe são imprimidas, como se reconhecendo a mãe que o seu bebê ainda não tem a compreensão verbal de que necessitaria para entender os significados dos seus atos de fala, utiliza uma linguagem expressiva que comporta o afeto dirigido à criança (FERREIRA, 2003, p. 85).

Este trecho evidencia um ponto crucial na dinâmica do manhês, a saber, as articulações entre o conteúdo afetivo das mensagens transmitidas pela mãe e a prosódia intrínseca à sua voz. Portanto, para dar seguimento ao raciocínio, é preciso antes desdobrar, ainda que sucintamente, o conceito de prosódia e o papel que ela desempenha no manhês.

De acordo com Scarpa (2005), a prosódia, sinteticamente, seria a curva melódica que conferiria à voz sua materialidade sonora, por meio de oscilações entonacionais. Até aqui não haveria nada de muito novo, entretanto, revisando suas pesquisas, a autora percebe que “(...) nos primeiros meses de vida, as modulações da voz da mãe (basicamente movimentos de altura e qualidades várias de voz) mostram-se uma porta ótima de entrada do infante na língua” (SCARPA, 2005, p. 21).

Devido a dispor de uma face musical, a prosódia da voz materna acaba assumindo uma configuração sedutora para o bebê, exercendo sobre ele grande poder de fascínio; tanto que parece ser “(...) o ponto de referência pelo qual a criança é atraída para a linguagem e vislumbra nela um princípio de estruturação” (SCARPA, 2005, p. 21).

O manhês, então, atuaria como um apelo materno que convocaria o bebê a comparecer como sujeito. Nesse momento, o bebê, sensível ao jogo afetivo subjacente à voz materna, se comunicaria com ela por perceber que isso “dá prazer à mãe e a traz para perto” (FLORES; BELTRAMI; SOUZA, 2011, p. 145).

Ele se engajaria, também, porque experimentar a potência de um afeto antes mesmo de compreendê-lo (PIEROTTI; LEVY; ZORNIG, 2010) provocaria o seu interesse. Ou seja, “(...) ao ouvir a fala da mãe, sintonizada às suas demandas e ao ouvir na interpretação linguística que a mãe dá às suas manifestações, verbais ou não, o bebê funciona na linguagem,

e isso permite que passe de locutor a sujeito” (FLORES; BELTRAMI; SOUZA, 2011, p. 145).

Mais do que as regras de funcionamento da língua, esses marcadores prosódicos parecem ser o ponto-chave de aderência do bebê à linguagem, pois encontrando na musicalidade da fala dirigida pelo adulto a predominância de uma forte carga afetiva, ficam-lhe assegurados diferentes meios de ingresso numa via linguageira (SCARPA, 2005, 2007; BARROS, CAVALCANTE, 2011).

Ainda que isso fosse pouco, o componente musical da prosódia materna, ao lado dos cuidados pele a pele, também dá suporte para que, no jogo de sedução que libidinizará o corpo do bebê, as zonas erógenas se unifiquem num corpo pulsional (CELES, 2004).

Outro aspecto típico do manhês é que seu uso depende do tempo: tendo um tempo de “vida útil”, o manhês se extingue por volta dos nove meses do bebê, sofrendo vários remanejamentos durante esse período.

Ao longo do tempo, a fala atribuída ou “como se” vai assumindo uma estrutura diferenciada. Sua frequência é maior nos primeiros meses e vai diminuindo a partir do sexto mês até assumir uma estrutura prosódica nova ao final do oitavo/nono mês, para então extinguir-se. Esta trajetória acompanha o desenvolvimento vocal do bebê, da total indeterminação comunicativa para aos poucos tornar-se mais presente na interação, assumindo seus próprios turnos (CAVALCANTE, 2001a, p. 588-589).

O mais interessante de tudo isso, porém, é que a inscrição da temporalidade no psiquismo do bebê é fruto das modalizações da fala materna, que aos poucos vai cedendo lugar à fala do bebê (CAVALCANTE, 2001a, 2001b, 2003).

Tendo em vista que as teorias sobre aquisição da linguagem sempre foram orientadas pela dicotomia que contrapõe a atividade do adulto *versus* a passividade do bebê, Boysson-Bardies (2009), então, irá comentar que as aquisições deste não são feitas como se partindo de uma “terra virgem”.

O autor apontará que, ao longo dos últimos trinta anos, pesquisas têm procurado avançar a respeito da participação ativa do bebê na aquisição e processamento da língua, inclusive acentuando que o seu temperamento atua como uma espécie de filtro nesse percurso.

Não é à toa que na literatura que se ocupa das produções linguísticas mãe-bebê, será possível encontrar as seguintes expressões para designar a fala que ora está sendo chamada de manhês: “construída conjuntamente” ou “coconstruída” (AQUINO, SALOMÃO, 2009, 2010, 2011a, 2011b); “corregulada” (SCORSI, LYRA, 2012); “instanciada dialogicamente”

(LYRA, CHAVES, 2000; Lyra, 2006, 2007; LYRA, SILVA, SILVA, 2012); “dialeticamente determinada em suas diferentes etapas” (PESSÔA, MENDES, SEIDL-DE-MOURA, 2010; PESSÔA, MOURA, 2011).

O manhês passa a ser entendido como estruturado de modo que as ações do adulto e do bebê se coordenam, no sentido de ambos serem beneficiados, pois o bebê se apoia no modelo linguístico adulto e o adulto, por sua vez, se orienta pelos sinais do bebê. Portanto, ao participar do manhês, o bebê deixa ver que ele também “tem o que oferecer”, ao invés de ser um mero produto dos pais.

Ferreira (2005) salienta, além disso, que a estrutura se destaca pela presença dos elementos organizadores do texto dialógico: os falantes (mãe e bebê), os turnos de fala, a sequência de ações coordenadas (os turnos de fala mantêm entre si uma interdependência) e o evento em andamento. E prossegue:

É a presença desses elementos que vai configurar o texto como um diálogo, estruturado conjuntamente pela mãe e pelo bebê, na medida em que os dois contribuem para a construção da conversa, embora que cada um a seu modo, levando, contudo, em consideração a contribuição do outro (FERREIRA, 2005, p. 23-24).

Apesar das referências constantes à fala *materna*, vale pontuar que a mãe em questão à qual se está aludindo não é a que gesta o bebê. Logo, não se trata da mãe biológica, necessariamente, mas, sim, da mãe enquanto função. Por isso, quando se considera o que Ferreira (2010, p. 51) diz, “a função materna implica a invenção do manhês”, é imperativo ter em mente que se trata de alguém que, naquele momento, estará se posicionando discursivamente do lugar maternante.

Sob a superfície aparente de contribuir com a aquisição da língua, o manhês encerra, pois, uma opacidade que depõe a favor do seu valor constitutivo, que, por sua vez, se dá no cruzamento entre as dimensões estruturante e funcional.

Na próxima sessão, procuro explorar como se desenrolam os efeitos constitutivos para a subjetividade do bebê, decorrentes de sua parceria com o adulto, na construção do manhês. Recorro, para tanto, ao aporte psicanalítico, por meio da articulação de quatro conceitos: imagem inconsciente do corpo, pulsão invocante, transicionalidade e narcisismo, respectivamente, de Dolto, Lacan, Winnicott e Freud.

Ao empreender esse movimento não pretendo evocar uma possível continuidade entre os pensamentos dos autores, omitindo ou encobrendo pontos de tensão que lhes são inerentes. Pelo contrário: ao circunscrever cada um dos conceitos no campo teórico em que foi

originado, reverencio a diferença que lhes é de direito. Entretanto, tanto quanto me for possível, tentarei deixar claro – explícita ou implicitamente – se tratar de ideias que estão passíveis de se interpenetrarem.

Do mesmo modo, deve ser compreendida a trajetória constitutiva do bebê na língua: não como a superação de fases, mas repleta de fatores que se implicam reciprocamente, num percurso caracterizado por vias sinuosas e cuja expressão é cheia de guinadas e retrocessos.

3.2 RESSONÂNCIAS PRIMITIVAS DA LÍNGUA MATERNA

O investimento simbólico e imaginário dos pais sobre o real do filho por vir é decantado no inconsciente. Esse inconsciente “decantado” é transmitido ao bebê, ainda no útero, sob o formato de uma imagem basal, a qual determinará o modo como o sujeito conceberá o seu Eu e o seu corpo, instâncias até então não-integradas. Com o tempo, que coincide com o Édipo e a sua resolução, a imagem inconsciente do corpo sofrerá reajustes até o ponto em que será recalçada, dando lugar à imagem especular – na qual Eu e corpo estão agora unificados –, sem, contudo, deixar de gerar implicações.

O conceito de imagem inconsciente do corpo atendeu à preocupação de apreender as primeiras representações psíquicas e pensar nas etapas pré-especulares; pois se o *infans*, para F. Dolto, é um ser relacional e em comunicação, ele é dotado, desde o início, de uma atividade representativa. Essa função apoia-se nas trocas que se travam no lugar de seu corpo, as palavras e afetos, associados à vivência corporal e relacional, deixam impressões somato-psíquicas a partir das quais se constituem os primeiros referenciais, as primeiras imagens inconscientes do corpo (LEDOUX, 1995, p. 221).

Perguntando-se o que é a imagem inconsciente do corpo – é imagem do quê? –, Nasio (2009) dirá se tratar do conjunto das primeiras impressões gravadas no psiquismo infantil, pelas sensações corporais que um bebê – até mesmo um feto – sente ao contato de sua mãe, contato este carnal, afetivo e simbólico (NASIO, 2009).

Com Dolto (1961 [1984]), é possível sustentar que a imagem inconsciente do corpo sintetizaria, a cada momento, as experiências emocionais repetitivamente vividas através de sensações erógenas eletivas e arcaicas que dão a ver suas repercussões na atualidade do corpo do sujeito.

Cabe aproveitar a deixa dada pela autora para enfatizar que a imagem inconsciente do corpo não é fixa, nem unívoca, mas sofre metamorfoses e se organiza em níveis distintos. É

possível sistematizá-los em três: o nível estrutural, pois concerne a cada um dos sujeitos falantes; o nível dinâmico, pois se renova, se atualiza nas experiências; e o nível relacional, pois está sempre articulada às trocas com o outro.

Adicionalmente, deve-se ter claro que imagem inconsciente do corpo não se confunde com esquema corporal. Note-se o porquê: “*Se o esquema corporal é, em princípio, o mesmo para todos os indivíduos (aproximadamente da mesma idade, sob um mesmo clima) da espécie humana, a imagem do corpo, em contrapartida, é peculiar a cada um: está ligada ao sujeito e à sua história*” (DOLTO, 1985a [2008], p. 14).

Assim, a ritmicidade e a voz materna alcançariam o bebê muito cedo: antes mesmo de ele vir ao mundo, através do som e por meio das vibrações que fariam o interior do útero da mãe reverberar por todos os lados, estabelecendo um padrão. Raiva, tristeza, alegria, amor: o bebê passaria a distinguir com seu corpo o conteúdo dos elementos prosódicos que, por serem mediados pela palavra, pertenceriam ao domínio simbólico. Eis que nessa operação seria implantada no organismo do bebê a matriz simbolizante a partir da qual a imagem inconsciente do corpo se estruturaria e serviria de esteio para a língua.

3.3 O MANHÊS E A INVOCAÇÃO MUSICAL

Lacan veio a acrescentar à lista das pulsões descobertas por Freud – oral, anal e fállica – mais duas: a escópica e a invocante, ligadas, respectivamente, ao olhar e à voz. Das duas, a atenção recairá sobre a invocante, por interessar diretamente ao tema da aquisição da linguagem.

Porge (2014) dirá que a voz faz parte dos objetos pulsionais na medida em que é ela que vai ser reativada na função simbólica da fala e do ideal de eu. Cabe colocar que se no estádio do espelho era preciso fazer a distinção entre olho e olhar, distinção semelhante tem de ser feita no que concerne à voz. Mas a voz não é especular, ela não tem representação imediata e ela está disjunta de sua representação sonora, ou seja, do eco.

É por essa disjunção que Porge (2014) proporá que, se há um estádio do espelho, se faz necessário começar a se teorizar a respeito da existência de um “estádio de eco”. O autor afirmará: “O estádio do eco encontra sua pertinência na contemporaneidade do estádio do espelho graças à função simbólica que nele exerce a fala, já que o ponto em que o sujeito se olha é o ponto a partir do qual ele fala e faz do seu grito apelo” (PORGE, 2014, p. 103).

A voz à qual Lacan se refere é o suporte material do desejo, que, apesar de ter de se articular na cadeia significante e de se conformar à estrutura da linguagem, nem se confunde

com o significante, nem com o som, por ser da ordem do gozo e estar mais próxima ao inconsciente.

Um parêntese necessário: entre outros motivos, este ponto, em que a pulsão invocante não é idêntica ao som, é extremamente interessante para se problematizar sobre as configurações assumidas pelo manhês no contexto de surdez, como o fez Alcântara (2014) de modo pioneiro.

Seguindo com a reflexão, tem-se que: “De fato, a voz é um objeto totalmente particular na lista dos objetos pulsionais, pois ela concerne menos à demanda que ao desejo do Outro” (VIVÈS, 2009, p. 335). Por sua desmesura, por transbordar a estrutura, a ênfase dada por Lacan à voz consiste nos efeitos de atração, de invocação, por ela exercidos devido à sua musicalidade, isto é, aos seus atraentes contornos melódicos.

Esses efeitos se dão na articulação de quatro tempos, definidos, em conjunto, como circuito pulsional. Os quatro tempos do circuito da pulsão invocante podem ser descritos muito sumariamente assim: primeiro, ponto em que o sujeito é invocado, isto é, que escuta o chamado do Outro; segundo, momento em que o sujeito se deixa levar pelo chamado do Outro; terceiro, tempo em que ele rejeita a voz do Outro, torna-se surdo a ela; e, quarto, tempo em que, do silêncio provocado pela surdez eletiva, passa, ele mesmo, a invocar (DIDIER-WEILL, 2014).

É bastante nítido o impacto da pulsão invocante especialmente no período “pré-verbal”, em que, através da voz, ocupa a cena a língua maternante, ou lalíngua (QUINET, 2009; FERREIRA, 2011b), e que, por isso mesmo, ao capturar o bebê na rede significante, lança-o irreversivelmente na dimensão do símbolo.

Nesses termos, vale dizer que, por sua história ter sido invocada uma vez, após o nascimento, o apelo se repete: a cadência da prosódia, na fala em manhês, captura a atenção do bebê, que situa naquela fala a musicalidade com a qual o seu corpo foi cativado inicialmente, no ambiente intrauterino. Aqui a pulsão invocante cumpre seu papel exercendo sobre o infante, nos dizeres de Didier-Weill (1999), um empuxo à linguagem, desnaturalizando a sua existência.

3.4 A TRANSICIONALIDADE DA LÍNGUA

Por certo, um dos conceitos mais originais da teoria psicanalítica, legado por Winnicott, e que veio a ganhar os seus contornos empíricos no observatório da clínica, é o de transicionalidade, intimamente associada à possibilidade de uso da ilusão.

A ilusão, para o autor, é, sobretudo, um fenômeno constitutivo, ao invés de uma defesa. Efeito da ativa adaptação materna às necessidades do bebê (preocupação materna primária), o bebê tem a chance de uma vivência subjetiva do ambiente, no qual a diferenciação entre Eu e não-Eu ainda não está posta (SOCHA, 2010). No gesto espontâneo de buscar algo em algum lugar, o bebê sente como se o leite e o seio fossem resultado de seu próprio gesto e passa pela experiência de criar aquilo que encontra.

É, portanto, por sua adaptação absoluta às necessidades do bebê que a mãe realiza o que talvez seja a sua mais importante tarefa, concluirá Dias (2010): a de introduzir o bebê na ilusão de que ele é o criador do mundo de que necessita. Pela experiência contínua de confiabilidade ambiental, que protege a continuidade de ser do bebê e preserva o mundo subjetivo em que ele habita, a ilusão do início perde gradualmente o seu teor onipotente, característico da dependência absoluta, e se transforma aos poucos numa crença.

Dias alertará, no entanto, que não se trata de “uma crença nisto ou naquilo, mas na capacidade de acreditar em...” (DIAS, 2010, p. 116). A frase, naturalmente, tende a ser completada com o tempo, mas o processo de completá-la é secundário. Será essa capacidade de acreditar que permitirá ao bebê tolerar a desilusão que chega com o gradual decréscimo adaptativo da mãe.

Não mais envolto em uma absoluta realidade subjetiva, e ainda não habitando totalmente o mundo externo objetivamente percebido, o bebê estaria numa zona intermediária da experiência, encontrando nesse zona, verdadeiro campo de fronteira, uma transição entre o prévio estágio de ilusão onipotente e o crescente reconhecimento e a aceitação de uma realidade compartilhada. Concomitante a esse processo, há a distinção entre Eu e não-Eu, que permite ao bebê se relacionar com objetos reconhecidos como diferentes de si. É a primeira posse de um objeto não-Eu, situada nessa área intermediária, que Winnicott (1951 [2000]) chamará de objeto transicional.

Socha (2010) declarará que a sonoridade da voz materna fica registrada no interior da transicionalidade, esclarecendo que “O entrecruzamento de vozes no jogo sonoro e na interação musical da dupla oferece ao bebê a possibilidade de assumir a voz de sua mãe como uma criação sua” (SOCHA, 2010, p. 47). Certamente. Presentificada desde o útero, a voz materna surgiria como um dos únicos elementos que promoveria uma continuidade mais ou menos estável da passagem da vida pré para a vida pós-natal. Mas o autor dirá também que a voz está passível de ser tomada pelo bebê como objeto transicional. Aqui cabe uma objeção.

De acordo com tudo o que foi argumentado até agora, não é difícil perceber a referência a uma espécie de onipresença da voz, transmitida pela língua materna. Ora, posto

que a voz o antecederia, confundindo-se com a sua própria substância, o bebê não estaria em condições de se apropriar dela ou torná-la objeto transicional, por não a perceber enquanto exterioridade.

Quando o bebê brinca com as vocalizações, o som não é o seu alvo. Durante os momentos nos quais ele se diverte, por exemplo, reproduzindo os tons musicais de uma fala ou de uma cantiga, é tentando reencontrar em si o ponto de partida – isto é, o outro que ele começa a incorporar – e o vislumbre do ponto de chegada – ou seja, buscar aquele ali presente para validar a massa sonora amorfa, por ele produzida, com o estatuto de significante. Sem dúvida o limite é tênue, o que justifica a incursão em confusões, porém, como já foi visto, não é possível confundir voz e língua. Pois aquilo de que o bebê se ocupa na brincadeira é o contraste entre a experiência ilusória de domínio do significante e a instalação da desilusão, fruto das restrições que o próprio significante impõe. Assim sendo, o que o bebê faria de objeto transicional seria a materialidade da língua.

3.5 NARCISISMO DA FALA

Em seu famoso texto de 1914, “À guisa de uma introdução ao narcisismo”, Freud se esforçou em mostrar como o Eu é constituído a partir do outro e como conquista uma unidade inexistente nos primórdios da subjetividade, momento em que esta é marcada pela dispersão autoerótica. Noutras palavras, fazendo-se necessária uma ação psíquica agenciada pelo outro e constitutiva do sujeito, transformando essa dispersão autoerótica em narcisismo.

Com o advento do Eu, o sujeito se aferra a ele tentando fazer frente a permanente possibilidade de dispersão, já que o autoerotismo “jamais é superado pelo narcisismo unificante” (BIRMAN, 2001, p. 192). Essa dispersão concretiza o *desamparo* do sujeito (FREUD, 1930), incapaz de dominar inteiramente a insistência das forças pulsionais, que se impõem a ele de modo incessante como exigência de trabalho. O desamparo se associaria, portanto, à prematuridade da subjetividade, sinalizada tanto por Freud quanto, posteriormente, por Lacan (1949).

Birman (2001) afirmará que se colar ao Eu, como unidade contra a dispersão autoerótica, produz no sujeito a crença em seu poder e em sua autossuficiência. Crença ilusória, visto que só foi possível constituir o Eu como unidade pela intervenção do outro.

O sujeito, não obstante, acredita em seu poder de maneira onipotente e confere consistência a tal formação ilusória do psiquismo, alicerçado e incentivado tanto pelo efeito de domínio, que o Eu alcança contra a dispersão primordial, quanto pelo investimento que as

figuras parentais, sobretudo a mãe, fazem na posição de soberania do infante, majestade e ideal que realizará tudo aquilo que elas não puderam fazer. Freud (1914) chega, mesmo, a brincar com esta metáfora: “*His Majesty the Baby*, tal como nós mesmos nos imaginamos um dia” (FREUD, 1914 [2004], p. 110).

Dessa forma, constitui-se o narcisismo primário, responsável pela construção do Eu-ideal. O sujeito, como Eu, nutre um amor-de-si desmesurado, que se contrapõe ao amor-do-outro (FREUD, 1914) e é a base para a efetivação do Eu-prazer, por meio do qual o sujeito acredita que tudo que é bom e prazeroso é seu, e tudo que é mau e desprazeroso, do outro (FREUD, 1911).

No entanto, conforme disse Birman (2001), a clivagem – que surge de creditar o bem a si e o mal, ao outro – não passa de uma formação ilusória, pois o sujeito tenta manter o seu centramento no Eu, custe o que custar, para se proteger do desamparo e da prematuridade sempre presentes e relançados pela exigência de trabalho das forças pulsionais. Assim, em última instância, o sujeito precisa alimentar a crença de que é sempre soberano, ou seja, de que está sempre na posição de enunciador do sentido. Porém, ao enunciar “eu” (ou então o seu nome próprio, seja ele qual for) o sujeito já se encontra assujeitado, mostrando uma inserção na língua, que é também uma inserção na história, enquanto processo de produção de sentidos (MARIANI, 2003).

No que se refere à psicanálise, para haver sujeito, para que o bebê venha a se constituir sujeito dizendo “eu”, é imprescindível sua entrada na ordem significante; ou seja, uma entrada inicial em uma ordem significante que ficará marcada e que dará suporte material para que os sentidos advenham. É isso que possibilitará a estruturação do inconsciente, por um lado, e que se marcará na fala do sujeito, sem que o sujeito se dê conta disso, por outro.

4 MÉTODOS

Neste capítulo exponho o quadro no interior do qual a presente dissertação foi concebida, ou seja, a Pesquisa PREUT-Brasil. Para tanto, indico os princípios epistemológicos, os instrumentos e os procedimentos de coleta e de análise dos dados⁷.

4.1 ORIGEM DA PESQUISA PREAUT

A Pesquisa Preaut tem sua origem na França. A sua idealização e a sua condução são de responsabilidade:

- a. da Associação Preaut (*Programme Recherche Evaluation Autisme*), fundada em 1998 e presidida por Jean-Louis Sarradet;
- b. e do Programa Hospitalar de Pesquisa Clínica (*Programme Hospitalier de Recherche Clinique – PHRC*), de Strasbourg, coordenado pelo Dr. Claude Bursztejn.

4.1.1 Razões da sigla Preaut

A ideia inicial era fazer com que a sigla Preaut correspondesse à expressão “Prevenção de Autismo” (*Prevention d’Autisme*), uma vez que se acreditava, num primeiro momento, que era possível realizar prevenção em psicanálise. A ideia de prevenção foi mais tarde abandonada, uma vez que de fato a psicanálise não pode oferecer garantias quanto à suspensão do curso do desenvolvimento de indicadores de risco de autismo (ou de outra patologia na infância) quando há intervenção clínica. No entanto, a sigla foi mantida em face de sua correspondência com o nome da associação fundada com a finalidade de organizar a pesquisa (junto com o PHRC).

4.1.2 A pesquisa Preaut na França

Na França, a pesquisa, iniciada em 1999, adotou o título “Avaliação de um conjunto coerente de instrumentos de determinação de perturbações precoces da comunicação que pode prever um distúrbio grave do desenvolvimento de tipo autístico” (*Evaluation d’un ensemble cohérente d’outils de repérage des troubles precoces de la communication pouvant présager*

⁷Este capítulo se baseia amplamente no trabalho de Ferreira (2014), que, por sua vez, se baseou nas diretrizes do Projeto PREAUT. Deste modo, todas as referências citadas aqui devem ser remetidas ao texto da autora.

um trouble grave du développement de type autistique). Este título sugere que a pesquisa tem como proposta avaliar se um conjunto tal de instrumentos é considerado capaz de verificar a presença de perturbações precoces da comunicação, perturbações que podem prever (pressagiar) um distúrbio grave do desenvolvimento de tipo autístico.

4.1.3 Conjunto de instrumentos

1. Questionário Preaut – instrumento construído especialmente para a pesquisa (4º e 9º mês).
2. Questionário de Desenvolvimento da Comunicação – QDC (12 meses).
3. *Checklist for Autism in Toddlers* – CHAT (24 meses).

O título da pesquisa deixa implícita uma caracterização do autismo, que não é particular do Preaut, mas que é adotada na pesquisa: “O autismo se caracteriza por uma alteração qualitativa e quantitativa das interações sociais e da comunicação, e por um caráter restrito e repetitivo do comportamento, dos interesses e das atividades”.

Neste sentido, o autismo é entendido, pelo menos em parte, como uma exacerbação de perturbações da linguagem, observadas no primeiro ano de vida, que vêm a se consolidar mais tarde; perturbações essencialmente reveladoras de dificuldade de interação.

4.1.4 Princípios da pesquisa Preaut

- a. No curso dos primeiros meses de vida da criança, perturbações da interação e da comunicação podem ser observadas.
- b. Essas perturbações podem (se não tratadas) se manter e evoluir, vindo a se consolidar em quadros graves, como o autismo.
- c. Logo, essas perturbações de interação e comunicação podem ser consideradas sinais clínicos de risco de desenvolvimento de distúrbios graves, como o autismo.
- d. É possível detectar perturbações de comunicações nos primeiros meses de vida.
- e. A detecção precoce de perturbações de comunicação possibilita a intervenção clínica em tempo, que pode suspender a evolução dos distúrbios e oferecer um outro curso para o desenvolvimento psíquico.
- f. Através da aplicação do conjunto de instrumentos mencionado, é possível detectar se há perturbações da comunicação.

4.1.5 Aporte teórico da Pesquisa Preaut: o bebê e o campo pulsional

Numerosos trabalhos mostram que o bebê apresenta, desde o nascimento, um claro interesse por elementos específicos da voz materna. Em particular, pelos elementos prosódicos. Entre as alterações de forma e de conteúdo, encontradas na fala materna, frequentes na maior parte das culturas (OCHS e SCHIEFFELIN, 1997), são principalmente os contornos prosódicos exagerados que atraem o bebê (FERREIRA, 1990; LAZNIK, 2004) e organizam o que, em psicanálise, se chama pulsão invocante (LACAN, 1979). Por outro lado, no curso do primeiro ano de vida, o bebê mostra igualmente um vivo interesse para “olhar e ser olhado” (pulsão escópica), e para os jogos de “comer” e “ser comido” (pulsão oral).

4.1.6 A hipótese da Pesquisa Preaut

Laznik (1998, p. 2) propõe a seguinte hipótese: “haveria, no bebê com risco de evolução autística [...] um não aparecimento da capacidade de iniciar as trocas (com o outro familiar) de um modo lúdico e jubilatório”.

Sem privilegiar nenhuma etiologia, a hipótese da Pesquisa PREAUT postula que deve haver, no curso dos primeiros meses de vida, situações psicorrelacionais que antecedem a cognição e a tornam possível. Estas situações podem ser observadas na relação do bebê com seu outro familiar (habitualmente, seus pais), bem antes que os marcadores cognitivos comumente pesquisados como sinais indicativos da psicopatologia autística – por exemplo, o *apontar proto-declarativo*, a *atenção conjunta* e o *jogo de faz-de-conta* que fazem parte de questionários como o CHAT (*Checklist for Autism in Toddlers*) – tornem-se observáveis no curso do segundo ano de vida da criança.

4.1.7 Justificativas da Pesquisa Preaut

4.1.7.1 Capacitação das equipes neonatais

Não é desconhecido o fato de que as experiências iniciais da criança são determinantes para o seu desenvolvimento e para a sua saúde mental. Entretanto, consequências desses tempos iniciais apenas são levadas em consideração no final da primeira infância ou a partir da segunda, quando perturbações graves já se encontram instaladas. No entanto, a Organização Mundial de Saúde propõe dois importantes princípios de atenção em saúde

mental: o diagnóstico precoce e a intervenção precoce (ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DE SAÚDE, 2001, *apud* TROIAN ZEN E MOTTA, 2003).

Para alcançar um desenvolvimento (global) harmonioso, não é suficiente que o tempo passe e a estatura e o peso da criança se elevem. É necessário, além da saúde do corpo, que se estabeleça um laço entre ela e seus pais (ou substitutos). Assim é que a criança já pode apresentar uma série de perturbações desde os tempos preliminares, desordens que estão sempre relacionadas à qualidade das interações pais-bebê.

Recentemente, uma equipe multidisciplinar propôs uma escala de classificação diagnóstica para a primeira infância que revela ser possível detectar muito precocemente sinais de dificuldades no estabelecimento do laço pais-bebê, que, por sua vez, são reveladores de um intenso sofrimento psíquico da criança, muitas vezes acometida por distúrbios funcionais. Os recém-nascidos e os bebês de poucos meses podem então apresentar: recusa para alimentação; sono excessivo ou escasso; choro frequente e inconsolável; desinteresse pelo entorno; ausência de olhar, de sorriso, de interesse pela voz humana etc. Ao mesmo tempo, podem manifestar distúrbios funcionais persistentes (gastrointestinais, respiratórios, epidérmicos etc.) (CLASSIFICAÇÃO DIAGNÓSTICA, 1997).

Entretanto, ainda que esses trabalhos apontem constantemente para a interferência de fatores psíquicos no desenvolvimento da criança, capazes de comprometer a sua saúde global, o fato é que a grande maioria das equipes neonatais, além de desconhecerem estas situações, não são preparadas para realizar uma detecção precoce e oportuna das perturbações do primeiro ano de vida (sobretudo). Por outro lado, as equipes de saúde desconhecem igualmente o que essas publicações testemunham: os resultados satisfatórios de intervenções clínicas realizadas com a criança e os pais, cuja eficácia permite ao bebê tomar ou retomar o curso normal do seu desenvolvimento, rumo à linguagem e à saúde mental.

A noção de desenvolvimento das relações afetivas e sociais, como salienta Trouvé (2007), ainda está mantida à distância pelas autoridades médicas encarregadas da medicina preventiva, como se a avaliação desse aspecto de saúde do lactente não fosse do âmbito da neonatologia (principalmente) e da pediatria.

Levar as equipes neonatais e pediátricas a se tornarem capazes de realizar a detecção precoce de sinais de perturbações das interações iniciais pais-bebês, com a finalidade de possibilitar a intervenção clínica imediata e oportuna das famílias afetadas, justifica a proposta do projeto de pesquisa.

4.1.7.2 Alta incidência de autismo

A enorme elevação dos números de incidência de autismo tem levado ao uso de expressões como “epidemia de autismo”. Muito embora esta observação (relativa a uma suposta epidemia) possa ser questionada. Por exemplo, através da crítica a determinados critérios de classificação diagnóstica (como o Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais – DSM, da Associação Psiquiátrica Americana – APA, 2002), a questão do autismo vem cada vez mais ocupando a atenção de profissionais da saúde e da educação, em seu desejo de minimizar o sofrimento do autista e de suas famílias.

Nesta perspectiva, coloca-se como extremamente importante a detecção precoce de perturbações da comunicação e seu tratamento (em tempo), com a finalidade de evitar o desenvolvimento de distúrbios da interação que podem culminar num quadro de autismo.

Esta é a meta da Pesquisa Preaut: detectar e intervir precocemente; e para detectar, capacitar profissionais de saúde, especialmente neonatologistas e pediatras.

4.1.8 Estágio atual da Pesquisa Preaut na França

A fase operacional da pesquisa (coleta de dados) foi iniciada em 2006 e estima-se que será concluída daqui a mais dois anos. No final de 2010, mais de 11.000 bebês tinham sido incluídos na pesquisa. A análise dos resultados intermediários (entre 2006 e 2010) já indicava uma tendência no sentido de validação dos instrumentos de avaliação, particularmente os Sinais Preaut (CULLERE CRESPI *et. al.*, 2011).

4.2 A PESQUISA PREAUT BRASIL

4.2.1 A pesquisa Preaut no Brasil

A partir de 2005, o Projeto PREAUT passou a desenvolver programas associados a outros países, como a Inglaterra, a Argentina e o Brasil. Aqui, no Brasil, o projeto adotou o nome de “Pesquisa PREAUT BRASIL”, e tem a coordenação nacional de Cláudia Mascarenhas Fernandes (BA), Érika Parlato de Oliveira (MG) e Leonardo Posternack (SP). Trata-se de uma pesquisa multicêntrica que está sendo realizada em centros de saúde de São Paulo, Rio de Janeiro, Salvador, Alagoinha, Fortaleza, São Luís, Campina Grande, Recife etc.

4.2.2 Título da Pesquisa Preaut no Brasil

“Perturbações precoces da comunicação na interação pais-bebês e seu impacto na saúde mental na primeira infância”. O título não associa necessariamente as possíveis perturbações precoces da comunicação verificadas na interação pais-bebês com o aparecimento posterior de quadros de autismo, mas considera que tais perturbações podem ter um efeito (negativo) sobre a saúde mental da criança, já na primeira infância, ou seja, nos primeiros meses e anos de vida. Assim, as perturbações precoces de comunicação e interação apontam, em primeiro lugar, para a presença atual de um sofrimento psíquico que atinge a criança e a família.

Logo, as possíveis perturbações devem ser detectadas e tratadas, a fim de que o sofrimento psíquico do bebê e de seus pais possa desaparecer, favorecendo uma positiva interação. A falta de detecção precoce, além de inviabilizar a verificação de um sofrimento psíquico atual e o seu tratamento, pode ter como efeito o agravamento das perturbações de interação, que podem culminar em distúrbios graves do desenvolvimento, comprometendo a constituição subjetiva da criança, como nos casos de autismo.

4.2.3 Objetivos da Pesquisa Preaut Brasil

Considerando que os resultados da pesquisa francesa já indicam a propriedade do Questionário Preaut para identificar perturbações precoces da comunicação e interação, deixam de constar como metas da pesquisa a avaliação do valor preditivo e da sensibilidade do mencionado instrumento, mantendo-se os seguintes objetivos:

a) Gerais:

(I) Identificar perturbações precoces da comunicação e da interação em uma coorte de bebês de zero a dois anos, acompanhados em centros de saúde diversos (bebês acompanhados em serviços de pediatria, bebês prematuros e bebês com alterações orgânicas), através do Questionário Preaut, do Questionário sobre o Desenvolvimento da Comunicação (QDC) e do *Checklist for Autism in Toddlers (CHAT)*.

(II) Capacitar profissionais de saúde para utilização desses instrumentos, visando à detecção de sinais das referidas perturbações e ao acompanhamento de crianças consideradas em situação de risco, em face da apresentação de sinais de sofrimento psíquico e indicadores de perturbações do desenvolvimento (dificuldades de comunicação e da interação) que podem (ou não) preceder transtornos de autismo.

b) Específicos:

(I) Avaliar perturbações da comunicação e da interação entre pais e bebês através do Questionário Preaut, aos 4 e 9 meses.

(II) Avaliar as competências comunicativas do bebê através da aplicação do Questionário sobre o Desenvolvimento da Comunicação (QDC), aos 12 meses.

(III) Avaliar sinais indicativos de risco de autismo através da administração do *Checklist for Autism in Toddlers (CHAT)*, aos 24 meses.

(III) Estudar a associação entre os resultados obtidos nos três instrumentos.

(IV) Investigar as possíveis relações entre as especificidades das crianças observadas e os resultados encontrados.

(V) Realizar o atendimento clínico (médico, psicológico, psicanalítico, fonoaudiológico, fisioterápico, segundo o caso) de crianças afetadas por perturbações precoces de comunicação e de interação.

(VI) Desenvolver estudos de casos clínicos de crianças detectadas em situação de risco de evolução psíquica.

(VII) Realizar periodicamente a capacitação dos pesquisadores para a utilização dos instrumentos e para o acompanhamento dos bebês considerados em risco de evolução psíquica.

(VIII) Desenvolver estudos e outras atividades voltadas para a formação continuada dos pesquisadores.

4.2.4 Instrumentos de Avaliação

4.2.4.1 Questionário Preaut

Os resultados de observações e pesquisas sobre os primeiros passos da criança rumo à linguagem, reveladores da real capacidade do bebê, mesmo do prematuro, para suscitar trocas com a mãe desde as primeiras horas de vida (por exemplo, FERREIRA, 1990, 1995, 1996, 2004), conduziram Laznik (1996) a conceber a ausência de dois sinais indicativos de interações e/ou protoconversações entre a mãe e a criança que desenvolve autismo. A presença destes sinais revelaria uma construção psíquica em constituição, já que estão associados ao fechamento do circuito pulsional. E a sua ausência seria indicativa de perturbações da comunicação. Os dois sinais, que podem ser identificados no curso de uma consulta, são:

a) sinal comunicativo 1 (S1): O bebê procura se fazer olhar por sua mãe (ou substituto) na ausência de qualquer solicitação dela;

b) sinal comunicativo 2 (S2): o bebê procura suscitar a troca jubilatória com sua mãe (ou com seu substituto) na ausência de qualquer solicitação dela.

A hipótese do Projeto PREAUT é que a ausência desses sinais, por serem reveladores de dificuldades da comunicação, pode predizer uma perturbação grave do desenvolvimento (LAZNIK, 1996).

A procura do olhar e a troca jubilatória consistem em jogos desenvolvidos entre mãe e criança, nos quais é o bebê quem toma a iniciativa de provocá-los, suscitando de algum modo (olhando insistentemente para a mãe, sorrindo, vocalizando, movimentando-se) o olhar, a voz, o sorriso ou o gesto materno acolhedor, ou ainda as brincadeiras em que ele ativamente se oferece para ser “devorado” pela mãe, estendendo os dedos dos pés ou das mãos, ou elevando a barriga na direção do rosto dela.

Os dois sinais comunicativos, facilmente identificáveis no curso das consultas do 4º e 9º mês, mostram que o bebê chega ao terceiro tempo do circuito da pulsão se fazendo olhar, se fazendo ouvir, se fazendo “devorar” (pulsões escópica, invocante e oral).

Vale salientar que, nos filmes familiares, se tem observado que crianças que se tornaram autistas podem, quando bebês, ter respondido às convocações parentais com o olhar ou o sorriso. Outra observação é que estas crianças podem ter revelado interesse pelo jogo de “devoração”, seja reagindo com o sorriso, seja aproximando seu rosto do rosto do familiar. Mas o que não se constata nos filmes é a capacidade de “provocar” o outro (MAESTRO *et. al.*, 1999, 2001, 2002, 2005). Dito de outro modo, os bebês que se tornaram autistas não iniciaram, e tampouco suscitaram nos pais (de forma ativa), a interação pelo olhar, pela voz ou pelo jogo oral primitivo, ou seja, não provocaram o fechamento do circuito pulsional.

4.2.4.2 Questionário sobre o Desenvolvimento da Comunicação – QDC

O segundo instrumento que avalia as competências sócio-comunicativas da criança, o Questionário sobre o Desenvolvimento da Comunicação – QDC, é utilizado aos 12 meses. O QDC reúne 8 (oito) indicadores (condensados num questionário de 6 itens) assinalados na literatura como sendo suscetíveis de anunciar o aparecimento de um distúrbio autístico (cf. estudo multicêntrico realizado pelo *Centre de Ressources Autisme d’Alsace* (CHRU) dos Hospitais Universitários de Strasbourg (HUS), sob a coordenação de Bursztejn, 2009).

Considerados suficientemente confiáveis para serem utilizados nessa faixa etária, a ausência destes índices pôde ser considerada como um sinal de alerta de um risco de autismo (BURSZTEJN *et. al.*, 2007).

Uma observação necessária: o QDC é administrado ao conjunto da população incluída na amostra, aos 12 meses, tenham sido observados ou não os sinais comunicativos S1 e S2.

4.2.4.3 Checklist for Autism in Toddlers (CHAT)

Aos 24 meses, é aplicado o *Checklist for Autism in Toddlers* (CHAT), questionário construído na Inglaterra por Baron-Cohen e colaboradores (2000), para prognosticar o autismo. O CHAT avalia o jogo simbólico (jogo de “faz-de-conta”), a atenção conjunta (comportamento de orientação social), o apontar protodeclarativo (expressando um interesse particular) e o seguimento do olhar, comportamentos normalmente presentes aos 18 meses, mas ausentes em crianças com risco de autismo.

4.2.5 A Pesquisa Preaut Brasil no Eixo Recife (PE)

4.2.5.1 Local da pesquisa

Ambulatório de Egressos, de bebês de alto risco, do Centro Integrado de Saúde Amaury de Medeiros – CISAM/UPE, coordenado pela Dra. Edla Cristina Araújo Monteiro da Cruz (Projeto de pesquisa aprovado conforme Parecer CEP/CISAM N. 059/10, de 28.09.10, Registro na CONEP FR 369045, CAAE nº. 0054.1.250.000-10). O projeto-piloto e a capacitação dos pesquisadores foram realizados em 2012, e neste momento se aguarda a reabertura da Maternidade-Escola (Maternidade da Encruzilhada) do CISAM-UPE para reinício da coleta de dados.

5 TRILHAS DO BEBÊ NA LÍNGUA DO INCONSCIENTE

Fruto da primeira capacitação oferecida pelo grupo PREAUT-Brasil Eixo Recife (PE), no ano de 2012, e destinada a instrumentalizar a equipe de saúde do Centro Integrado de Saúde Amaury de Medeiros, foi realizada uma etapa-piloto de coleta de dados do projeto, conforme informado no capítulo anterior.

Sendo eu um dos membros da pesquisa PREAUT, fui convocado a acompanhar, junto à pediatra, uma jovem mãe e seu bebê (uma menina de 5 meses à época), pois se tratava, conforme a avaliação da equipe, de uma dupla que inspirava cuidados. A justificativa eram os fatos de o bebê não olhar e não vocalizar quando provocado pela mãe, somados à suspeita da ocorrência de macroglossia, um tipo raro de anomalia em que a língua da criança hipertrofia, gerando uma série de comorbidades (TEIXEIRA *et. al.*, 2010).

Este teria sido mais um atendimento ao longo do meu percurso clínico. No entanto, por um golpe do destino, acabei assumindo o compromisso com dois sujeitos cuja situação marcaria profundamente, e de maneira incontornável, a minha visão de sujeito constituído por língua(gem) e o lugar do bebê no próprio processo de subjetivação.

Devo dizer que, em virtude do seu caráter singular, me debrucei teoricamente sobre esse atendimento uma primeira vez, construindo o que em psicanálise se chama de *caso clínico* (NASIO, 2001).

Em sua acepção mais comum, a expressão “caso” designa, para o analista, o interesse muito particular que ele dedica a um de seus pacientes. Na maioria das vezes, esse interesse leva a um intercâmbio de sua experiência com seus colegas (supervisão, grupos de estudo clínico etc.), mas, vez por outra, dá margem a uma observação escrita, que constitui então o que realmente chamamos de *caso clínico* (NASIO, 2001, p. 11).

O caso clínico, em sua primeira versão, integrou o *III Seminário Internacional Transdisciplinar Sobre o Bebê: A Emergência do Sujeito e o Desenvolvimento do Bebê*, organizado pelo Instituto Langage e realizado no Hospital Pitié-Salpêtrière, em julho de 2013, em Paris, França (ALCÂNTARA, 2013).

É a ele que retorno aqui. Mas é preciso ser dito que esse movimento de retomada naturalmente implicou em profundas transformações e ultrapassagens, de maneira que a distância entre a sua versão inicial e a que pretendo esboçar no momento consagram a esta última o estatuto de uma ficção.

De acordo com Nasio (2001), o aspecto ficcional é a própria definição de caso, um relato criado por um clínico quando ele reconstrói a lembrança de uma experiência terapêutica marcante. Tal reconstrução só pode ser uma ficção, dirá o autor, uma vez que o encontro com o analisando é rememorado através do filtro da vivência do analista, readaptado segundo a teoria que ele precisa validar e – que não fique esquecido – redigido de acordo com as leis restritivas da escrita.

A experiência, o analista participa dela com seu desejo, reencontra-a em sua lembrança, pensa nela por meio de sua teoria e a escreve na língua de todos. Podemos ver como todos esses planos sucessivos deturpam o fato real, que acaba por se transformar em outro (NASIO, 2001, p. 17-18).

Por isso é que o caso clínico resulta sempre de uma distância inevitável entre o real de que provém e o relato em que se materializa. “De uma experiência verdadeira, extraímos uma ficção, e, através dessa ficção, induzimos efeitos reais no leitor” (NASIO, 2001, p. 18). A partir do real, cria-se a ficção e com a ficção, recria-se o real. É nessa dinâmica que clínica e teorização (ficção) se implicam, que constituem o trabalho do psicanalista.

Fazer valer tais especificidades leva a constatar que o método em psicanálise, diferentemente da técnica, só pode ser concebido de modo indissolúvel do que se convencionou chamar de objeto (VORCARO, 2010).

Por não ser demonstrativa, nem exemplar, a função do caso clínico na pesquisa em psicanálise não é mostrar a oposição entre método psicanalítico e método científico. O caso clínico tem por função problematizar a generalização necessária à teoria, explodindo a imaginarização de universalidade da teoria sempre avessa à presença do singular surpreendente implicado no inconsciente (VORCARO, 2010).

É nesse sentido que, ao revisitá-lo, se justificam as mudanças e torções nele operadas. Uma delas foi o mascaramento de algumas informações – embora Nasio (2001, p. 22) seja mais radical: “(...) é indispensável mascarar todos os dados e detalhes que possam identificar a pessoa do analisando” –, visando a preservar o sigilo sobre a identidade do que chamarei de “personagens” desta ficção teórica. Cuidado, aliás, que foi dispensado desde a primeira versão, mas que se estende agora a terceiros envolvidos, como outros membros da pesquisa e/ou profissionais da equipe de saúde.

As outras duas peculiaridades que renovam este caso foram a inclusão dos gráficos e a ampliação do corpo teórico. Sobre os gráficos, estes têm três finalidades: primeira, permitir ao leitor acompanhar a linha de raciocínio didaticamente; segunda, oferecer uma visão

panorâmica do passo dado; e, terceira, deixar claro aquilo que interpretei como trabalho do bebê.

Sobre a ampliação teórica, diz respeito à adoção do que chamarei de “Modelo do Eco-Reflexo”. Tal como foi explicado no segundo capítulo, Porge (2014) defende a ideia da existência de um “estádio de eco”, que ao “estádio do espelho” se vincula intimamente.

Incorporando essa ideia, eu a associei aos quatro elementos que propus como pontos fulcrais no processo de subjetivação através da língua: as ressonâncias primitivas da língua materna; a invocação musical veiculada pelo manhês; o relacionamento com a língua enquanto objeto transicional; e a aceitação da condição de falante como operação narcísica.

Penso que a conjugação desses elementos até o ponto em que o sujeito viesse ocupar um lugar no registro simbólico, situado ao nível do significante, seria regida ora pela predominância do eco e da voz – identificados ao registro real –, ora pela primazia da imagem e do espelho – correspondentes ao registro imaginário. E é a partir de agora que será visto como todo aparato conceitual repercute, reflete e ecoa na (minha) clínica.

5.1 Ressonâncias primitivas da língua materna: o tempo do eco

Psicólogo (P)⁸: “O que as trouxe aqui?”

Mãe (M): “Ah, a língua dessa menina, que nem cabe na boca!”

Estando descartada a hipótese de macroglossia, após apuração médica, e mesmo quando tudo parecia correr bem, do ponto de vista orgânico, com uma mãe e sua filha (um bebê de cinco meses), ainda assim, elas demandavam algo. Por quê?

Acolhendo aquela demanda e a encaminhando em direção à analisabilidade, pus minha escuta não a serviço do organismo, mas, sim, do inconsciente. Elas demandavam porque uma questão residual se interpunha na sua relação. Sob as aparências homogêneas de uma relação pacífica, um conflito se desenrolava.

Na ausência de correspondência do olhar, por parte do bebê; na ausência de suas vocalizações; no seu desinteresse por responder quando convocado, em manhês – apesar de parecer registrá-lo –; algo falava silenciosamente. Em virtude do ruído mudo, o resíduo que se interpunha na relação tinha a ver com a questão implicada pela língua.

⁸Doravante (P) e (M). Curiosamente, além do “M” da mãe, o “P” é a inicial da palavra “pai”...

Como foi dito, um dos sinais pelos quais é possível reconhecer que as trocas mãe-bebê seguem a contento é o comparecimento do manhês. Marcado pelos picos prosódicos, recheado de um tom afetivo, lá estava o manhês no discurso materno:

(M): “Que fo:::i /mã::e”

(M): “Que fo:::i /mã::e”

(M): “Que fo:::i /mã::e”

Era a pergunta que a mãe constantemente dirigia à filha, sem obter de volta nenhuma reação, exceto a agitação incessante da língua da menina numa boca que parecia não a conter.

Por outro lado, sempre que se referia a seu bebê, a mãe recorria a dizeres de outros, remetendo-se especialmente à sogra e à própria mãe.

(M): “Minha sogra vive dizendo que é pra eu fazer isso e aquilo com a menina. Quer ver ela ficar no meu juízo? Na hora de dar comida. Tem uma menina, lá perto de casa, assim, da idade de Y, que é bem gordinha. Pois minha sogra quer, porque quer, que a minha menina seja assim. Quando eu levo ela aos pediatras, eles dizem que ela tá ótima. E eu digo à minha sogra: minha mãe disse que eu era assim, magrinha”.

Uma língua é sempre habitada pela memória de outras, cumprindo dizer que ela se consolida pela sedimentação histórica de camadas arqueológicas de sentido (PAYER, 2009); entendida como forma material por meio da qual o sujeito fala de si mesmo e de sua relação com o universo que o constitui.

Conforme Pereira-de-Castro (2006; 2011b), a língua materna, além de pôr em marcha o processo de aquisição, pela singularidade de ser uma experiência irrepetível, e, com efeito, inesquecível, seria em muitos casos atravessada por diversas materialidades.

O tipo de drama pelo qual mãe e filha passavam parecia ser justamente de ordem semelhante. Acontece que, quando se dirigia à filha, com a pergunta insistente “Que fo:::i, /mãe”, a mãe assumia, dialogicamente, o papel do bebê e expressava, linguisticamente, o que, na posição de bebê, captava do inconsciente materno.

Nesse sentido, “Que fo:::i, /mã::e” pode ser entendido não como uma pergunta da mãe dirigida à filha, mas, sim, uma pergunta da filha na voz da mãe. A propósito, seguindo estes rastros, pude entender que, no manhês, bem como no discurso materno, não havia uma voz somente.

Quer fosse a sogra, quer fosse a sua mãe ou quer fossem os pediatras, o que a mãe dizia para o bebê e sobre o bebê vinha de lugares Outros e múltiplos. Foi assim que me dei conta do meu equívoco. Ao contrário do que imaginei, o bebê estava comparecendo no manhês, sim. A inquietude de sua língua atestava isso.

Sendo a língua materna permeada por redes de memória, as materialidades Outras; sendo a prosódia o que materializa a voz; sendo a voz ponto de aderência do bebê à língua; o que sucedia com o bebê é que, não encontrando um discurso a ele dirigido pela mãe, buscava se inserir na língua pela via dos ecos que transbordavam por esse discurso. Logo, não se tratava de uma língua que não cabia na boca, mas de muitos ecos para caber numa só língua.

Veja-se como isso poderia ser esquematizado.

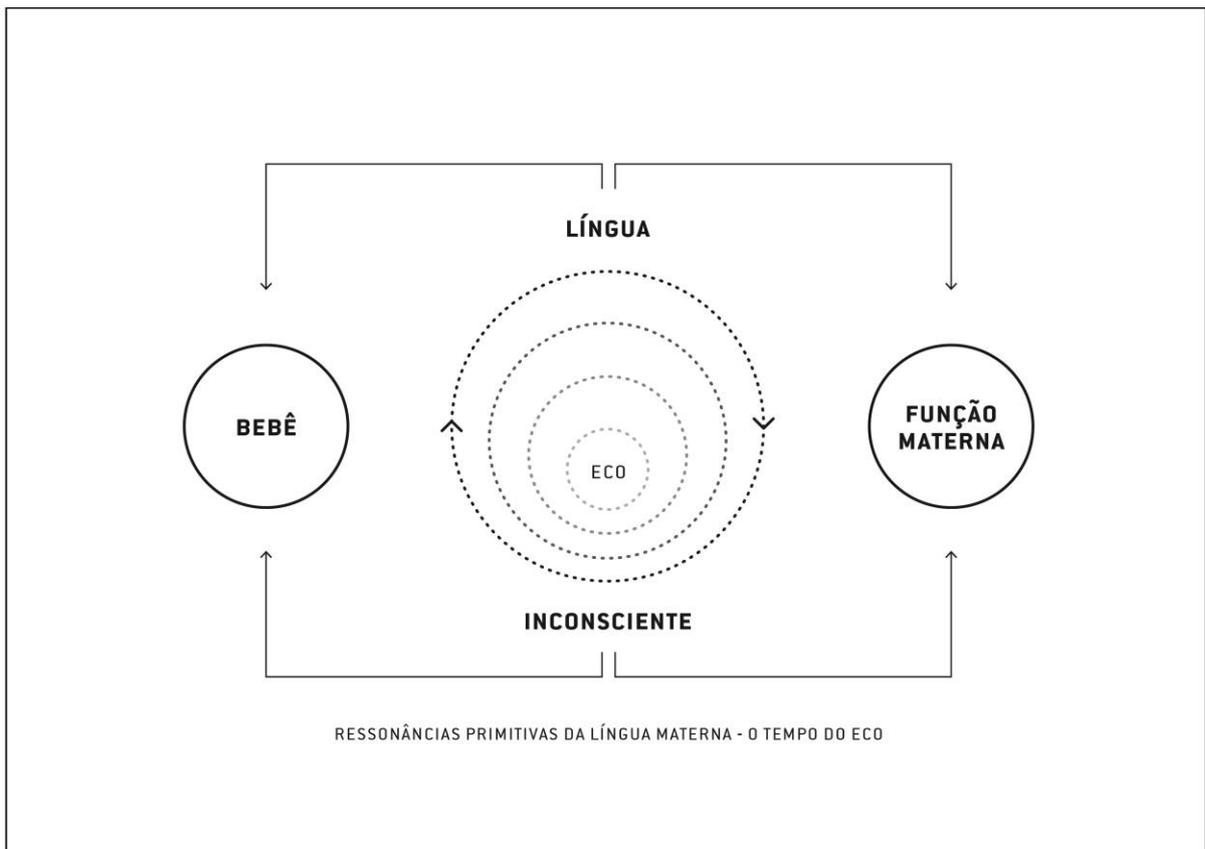


Gráfico 1. Ressonâncias primitivas da língua materna

No gráfico, acima, está posta a estrutura triádica bebê/função materna/língua. Os círculos concêntricos representam as camadas do inconsciente, cujo núcleo é real e vai passando pelo imaginário até chegar às bordas estruturadas pela língua, via simbólico – isso será mostrado mais detalhadamente na progressão dos gráficos.

Objetivamente, porém, a justaposição dos círculos não existiria. Por isso, os círculos são tracejados. Isto é, trata-se de uma tentativa de representar a porosidade das “camadas”, umas com relação às outras. Já a existência de setas, no último dos círculos, exemplifica uma dinâmica de coconstituição entre inconsciente e língua, de modo que, além de ser uma dinâmica multiestratificada, não se poderia determinar seu começo e seu fim.

Analisando a relação mãe-bebê a partir da figura, nota-se que, interpeladas pelo inconsciente, essa língua do Outro (LACAN, 1953), mãe e filha se relacionavam pela via do eco. A mãe repete os discursos Outros sobre a filha e a filha repete os ecos dos ecos maternos. É o que querem mostrar as setas que partem unidirecionalmente da esfera comum a ambas, a esfera do eco.

Convidada por Nasio a comparecer num dos seminários que ele promovia, Dolto é questionada acerca do que ela concebe como sendo uma imagem, no interior da sua teoria da imagem inconsciente do corpo. Logo de saída, ela deixa claro que o sentido atribuído à “imagem” não tem a ver com o uso corrente da palavra, isto é, não se trata de uma imagem especular. Eis a sua resposta: “Exatamente, não é uma imagem especular. É uma imagem inconsciente e não-especular, ela é um substrato relacional da linguagem” (DOLTO; NASIO, 1985b [2008], p. 12).

Sem ter um ponto de atração para o qual as suas pulsões convergiriam, a imagem inconsciente do corpo do bebê não sofre remissão para dar lugar ao esquema corporal e, ligando-se aos muitos fragmentos de eco da voz materna, funciona segundo a lógica da dispersão autoerótica. Outro modo de se dispersar é se fundir. Enquanto, no bebê, a língua permanentemente inquieta pode ser compreendida como um trabalho do esquema corporal para subjugar a imagem inconsciente do corpo e ascender à unidade, na mãe, a língua se dispersa fundindo-se ao discurso do Outro. Assim, se a filha funciona segundo a lógica da dispersão corporal, a mãe funciona segundo a lógica da dispersão discursiva.

O paradoxal disso tudo é que, ao se manter num movimento incessante, a língua oferece ao bebê uma continuidade (unidade) mínima que seja. Ao passo que, no contínuo do discurso do Outro, a mãe está dispersa. Em última instância, então, pode-se supor que a unidade, por um lado, é perseguida pela filha, é, por outro lado, é ignorada pela mãe. O que significa dizer, também, que se a mãe não se dispersa, não se descola do discurso do Outro, a filha não se unifica. Há, pois, uma alternância entre a economia da coesão dispersiva (filha) e da dispersão coesiva (mãe).

5.2 O MANHÊS E A INVOCAÇÃO MUSICAL: O TEMPO DA VOZ

(M): “Eu digo à minha sogra que ela tem que conversar com a menina. Aí, ela diz: ‘Que conversa! A menina sabe de nada!’”

(P): “E você, o que diz?”

(M): “Que ela sabe, *sim!*”

Com Didier-Weill (1999), sabe-se que a voz imprime no psiquismo uma dupla vocação: a continuidade musical e a descontinuidade significativa. A pulsão invocante deve ser compreendida como o impulso (voz) que é chamado a mover-se em direção ao significativo. Assim, o bebê deverá encarar o fato de que a língua lhe seria transmitida como habitada por uma contradição interna: por um lado, é-lhe transmitida uma lei simbólica fundada na integração das escansões languageiras, próprias para transmitir o sentido simbólico, do código; por outro lado, é-lhe transmitida, ao mesmo tempo, uma subversão dessa lei. A pura continuidade sonora produzida pela voz de uma diva, que é a mãe, tende, com efeito, a abolir a descontinuidade que transmite a inteligibilidade do sentido (DIDIER-WEILL, 1999).

Segundo Vivès (2012), o circuito da pulsão invocante implica, assim, a presença do Outro. O que faz crer que a operação de ressoar pelo timbre do Outro é favorável à estruturação subjetiva. Porém, curiosamente, ao longo do processo de recalque originário, o sujeito simultaneamente assume e rejeita esse timbre. Com efeito, ele o assume em razão de um “sim” ter acolhido a voz arcaica, e o rejeita, devendo se tornar surdo para adquirir a própria voz. A rejeição da voz do Outro permite responder, justamente, ao chamado deste. Na ausência do “não”, o sujeito não pode responder ao apelo do Outro, sendo possuído pela voz dele, da qual não pode se livrar.

É assim que, para constituir-se, prosseguirá o autor, o sujeito se apoia na possibilidade de ensurdecer diante da voz primordial. O próprio princípio da pulsão invocante mostra – mediante, por exemplo, a busca da voz – que o sujeito do inconsciente não esqueceu que, para se tornar invocante, teve que se tornar surdo à pura continuidade vocal e musical do Outro (VIVÈS, 2012).

Dito de outro modo, o sujeito deve poder, depois de ter aceitado a voz originária, esquecer-la, sem que, por isso, o ato de esquecer seja esquecido, enodando-se aí em sua função subjetivante.

Repetir os enunciados Outros implicava, para a mãe, não assumir seu lugar de sujeito e, conseqüentemente, o lugar daquele que porta uma falta. Mais ainda, de renunciar ao lugar de Sua Majestade, o bebê, para ser “rebaixada” ao lugar de “mãe”, de modo que outro assumisse o trono – neste caso, a sua própria filha.

Guiado pela hipótese da dispersão corpóreo-discursiva, em funcionamento na relação entre a mãe e o bebê, inscrevo na língua uma questão sobre a própria língua: “De que lugar a

mãe fala?”. Pensar sobre isso, fundamentalmente, põe em jogo uma interrogação dirigida ao que a mãe sabe de si própria.

Entre os paradoxos que Lacan assinala, está aquele que diz que o sujeito não pode falar sem também se ouvir, ou seja, sua própria fala inclui uma reflexividade, uma autoafetação. Mas esse “ouvir-se” é diferente do “escutar-se” – em que uma atenção aplicada corrige, vem retomar, essa refletividade espontânea. “Quanto a isso, podemos notar que o sujeito não pode se escutar sem se dividir” (MILLER, 2013, p. 9).

Por efeito de economia narcísica, parece que a mãe aderiria ao fluxo de continuidade – musicalidade – dos ecos das vozes que repetia indefinidamente, como uma cantiga – a sogra diz isso, o marido diz aquilo, a mãe diz aquilo outro. A intervenção, então, visando a deflagrar um ponto oculto, impõe que a mãe seja afrontada consigo mesma. Ao ecoar, ela se mantinha no plano do contínuo; ao se escutar, ela, agora, se divide. A continuidade é obstruída para que ela, escutando a própria voz, possa contar a própria história.

Mas, ao contrário do que se possa pensar, minha intervenção não tinha o objetivo de promover um esvaziamento dos discursos que povoavam o discurso materno. Afinal, ainda que os outros discursos suprimissem a voz da mãe, eles faziam parte da própria natureza do discurso dela. Portanto, o que se estava buscando era identificar o ponto de ruptura em que a história materna ficou adormecida, para fazê-la despertar, ecoar, de modo que a locutora assumisse a própria voz.

Relativamente aos pontos de ruptura, como se viu com Quinet (2012), ao se cristalizarem, estes pontos assumem o estatuto de significantes-mestres, limitando a liberdade do sujeito ao lhe impor roteiros pré-definidos, que deverão ser cumpridos numa fixidez mortificante. Somente com a sua elaboração, isto é, somente com o trabalho do significante sobre o próprio significante, é que é possível desincrustá-los de determinada cadeia. No entanto, *essa ação não implica em sua dissolução, mas, sim, em sua mudança de estatuto.*

Nesse sentido, ao escutar a si mesma, novos arranjos se processam para a mãe e o significante encravado, inflamando a sua história, se revela. Esse significante é a *língua* – uma língua muda, aliás.

Quer fosse menina, quer fosse adulta, tudo se passava, na vida da mãe, pela via do que outros lhe diziam. A ela a palavra ou era negada ou à palavra ela mesma se furtava, pela desilusão que era nunca a possuir e então vê-la se perder. Portanto, ao invés de escoar os ecos de outras vozes, a língua muda, ponto retido pelos ecos do Outro, muda, tornando-se o ponto de retenção desses ecos. Extraíndo, agora, a força pulsional dos ecos, numa ação simultaneamente silenciadora e amplificadora, a mãe faz os ecos longínquos de sua fala se

sobreporem à polifonia do Outro (ação silenciadora) e os utiliza como base para reencontrar a força pulsional da própria voz (ação amplificadora), fazendo, dessa forma, sua voz alcançar a condição de pulsão invocante.

A consequência da passagem de uma língua muda para uma língua com força pulsional, no entanto, não implica, como se disse, em dissolução dos ecos (no sentido químico); implica, antes, em novas soluções (no sentido químico e no sentido de desfechos). No instante em que a voz da mãe absorve os ecos pelos quais fora absorvida, as materialidades discursivas destes se condensam para se integrar a uma nova materialidade, consagrada à autoria materna. Desse modo, a fala da mãe passa *da polifonia*⁹ à *polissemia inconsciente*.

Por sinal, o bebê não fica alheio à divisão e aos deslocamentos que se operam na fala da mãe. Abandonada pela voz da mãe inicialmente, a divisão materna interessa à menina, num primeiro momento, pois nessa divisão se abre tanto uma brecha quanto um ponto de ancoragem no Outro. Num segundo momento, acompanhando o entrelaçamento dos ecos na substância que comporá a voz renovada da mãe, a filha finalmente é incorporada pela voz materna. Sabe-se da incorporação, pois a agitação da sua língua não é mais tão evidente. A pedido de sua mãe (“Diga a ele, mamã::e//Diga a ele: ‘Nêne::n’”), quando a menina olha, ri e finda por vocalizar – repetindo uma forma rudimentar, mas muito próxima do “Nêne::n” de sua mãe –, ela evidencia que a língua, outrora agitada, pode, então, começar a se apaziguar, porque o Outro atribuirá significados que darão unidade à sua dispersão. A criança mesma pode desfrutar do próprio silêncio como espaço para brincar de esconde-esconde com o que, pelo discurso, o Outro lhe endereçará.

Abaixo segue um resumo, do que foi dito, no gráfico.

⁹O sentido de polifonia empregado aqui é meramente descritivo, não tendo ligação, por exemplo, com o conceito de polifonia trabalhado por Bakhtin. Para maiores esclarecimentos sobre este e outros temas centrais da obra bakhtiniana, conferir Brait (2012).

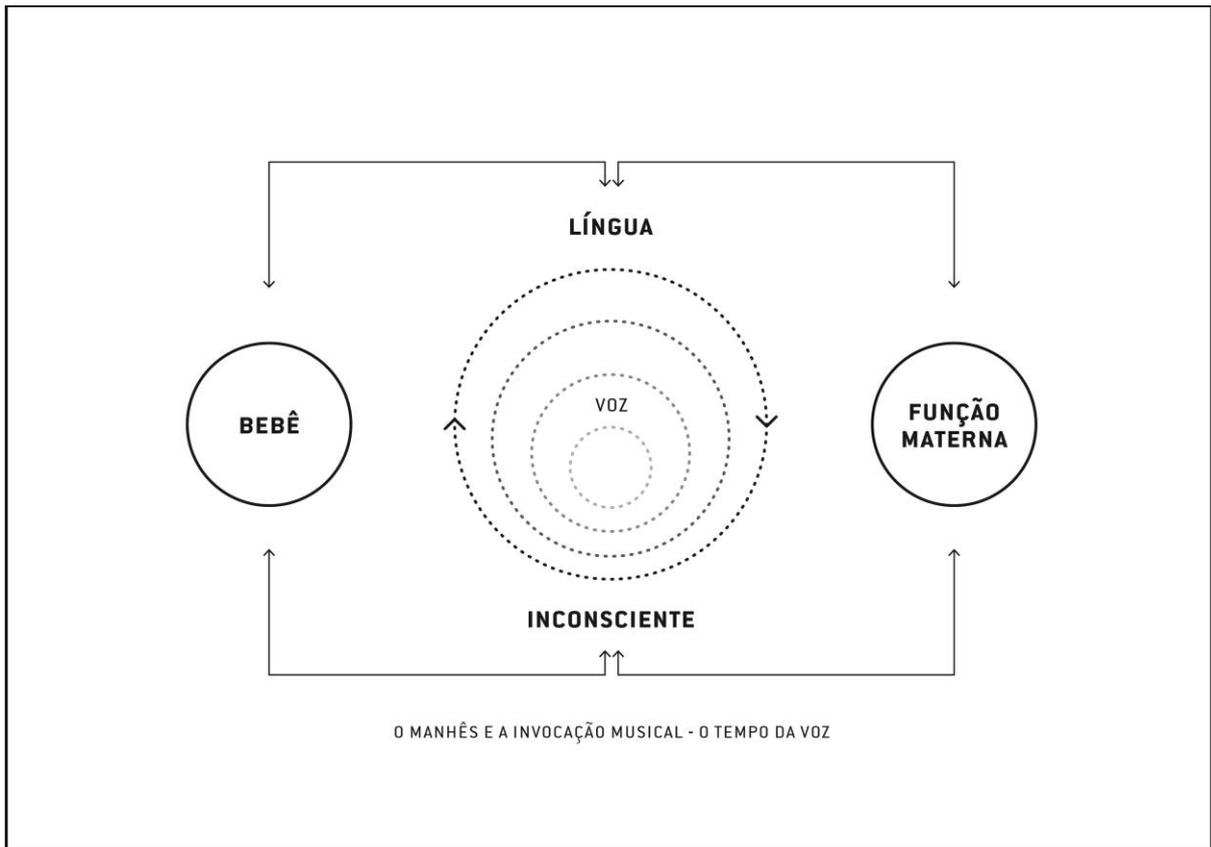


Gráfico 2. O manhês e a invocação musical

Aqui as setas cuja direção antes se limitava a incidir apenas sobre a mãe e sobre o bebê, além dessa direção, ganham uma nova. Na nova disposição, através dos sujeitos, é instituído um trabalho da língua sobre ela mesma: as setas, agora, também voltam para a língua. Logo, a mãe, que era falada, escuta e, escutando, fala. O bebê, calado, fala e, falando, escuta os dizeres sobre si numa voz para ele, que vem do Outro.

5.3 A TRANSICIONALIDADE DA LÍNGUA: O TEMPO DA IMAGEM

(M): “A moda dela, agora, é querer jogar as coisas no chão pra a gente ir pegar. Se a gente não pega, ela chora. Aí, quando a gente dá o que ela jogou, ela fica querendo falar e joga de novo. Se deixar, ela passa o dia todinho nisso.”

No vai-e-vem transicional, em que ora se identifica, ora se choca com a língua materna, o bebê metabolizaria o estranhamento, causado pela alternância, executando uma tradução. O mundo adulto, denso, rico de sugestões, excessivamente complexo, fonte estrangeira de mensagens, não seria constituído apenas pela diferença entre o adulto e o bebê;

haveria algo mais decisivo na alteridade originada aí: “tratar-se-ia da *diferença do adulto para consigo mesmo*, ou seja, da *alteridade implicada no/pelo inconsciente do adulto como corpo estranho e estrangeirice própria*” (FIGUEIREDO, 1998, p. 63).

É a alteridade do próprio que torna o adulto enigmático para si mesmo e, mais ainda, para o bebê. Efetivamente, os enigmas provenientes do mundo adulto, atraentes e impenetráveis, exerceriam uma pressão, impondo ao bebê uma tarefa inexecutável e, ao mesmo tempo, inadiável: a de traduzir o corpo estranho implantado pelas mensagens enigmáticas.

A tradução, por sua vez, pressuporia um conhecimento mínimo sobre aquela língua tomada como estrangeira. O que está em conformidade com a ideia, debatida no segundo capítulo, de que por esse “mínimo linguístico” o bebê seria habitado desde o útero. Assim, a musicalidade da voz materna estabeleceria um contínuo por ele conhecido e através do qual ele suportaria a descontinuidade do código (DIDIER-WEILL, 1999). Ora, a melodia vocal não seria alcançada pelos imperativos da gramática e, não sofrendo restrições, remeteria o bebê ao gozo mítico do estado em que o seu corpo e o corpo da mãe se organizavam em continuidade. Em última instância, esta continuidade é o que o bebê perseguiria, pois nela todas as necessidades e desejos do bebê estariam suspensos devido ao imediatismo com que os suprimentos vitais lhe chegariam, em virtude de sua conexão carnal com o corpo da mãe.

Todavia, uma parte mais ou menos substancial dos enigmas seria inassimilável, resistindo ao trabalho tradutivo e indo se constituir, pelo recalque de fragmentos da voz e da língua maternas, no inconsciente do bebê (FIGUEIREDO, 1998). Isso se daria, pois haveria nos enigmas uma falta – a falta de sentido, a falta de função – e um excesso – uma sobra irreduzível e promissora.

Segundo as palavras de Ricouer (2012): “Na tradução também se procede a uma certa salvação e a um certo consentimento de perda” (RICOUER, 2012, p. 22). Para o bebê, a salvação consistiria na esperança de um dia encontrar a fórmula capaz de lhe fazer esgotar todo o sentido com o seu dizer, aplacando a angústia da situação de desvalimento diante do adulto, e o consentimento da perda envolveria a ideia de não poder adquirir a fórmula de modo imediato, lançando-a para uma aquisição futura.

Nota-se, então, que esperança e perda seriam elementos que se coconstituíam na medida em que, movido pela esperança, o sujeito falaria e, falando, que manteria a capacidade de acreditar em um dia retornar à plenitude absoluta da fase intrauterina. Nesta medida, a transicionalidade deve ser entendida como o momento de um processo que já contém em si a perda e a reconstituição.

Abaixo segue o gráfico.

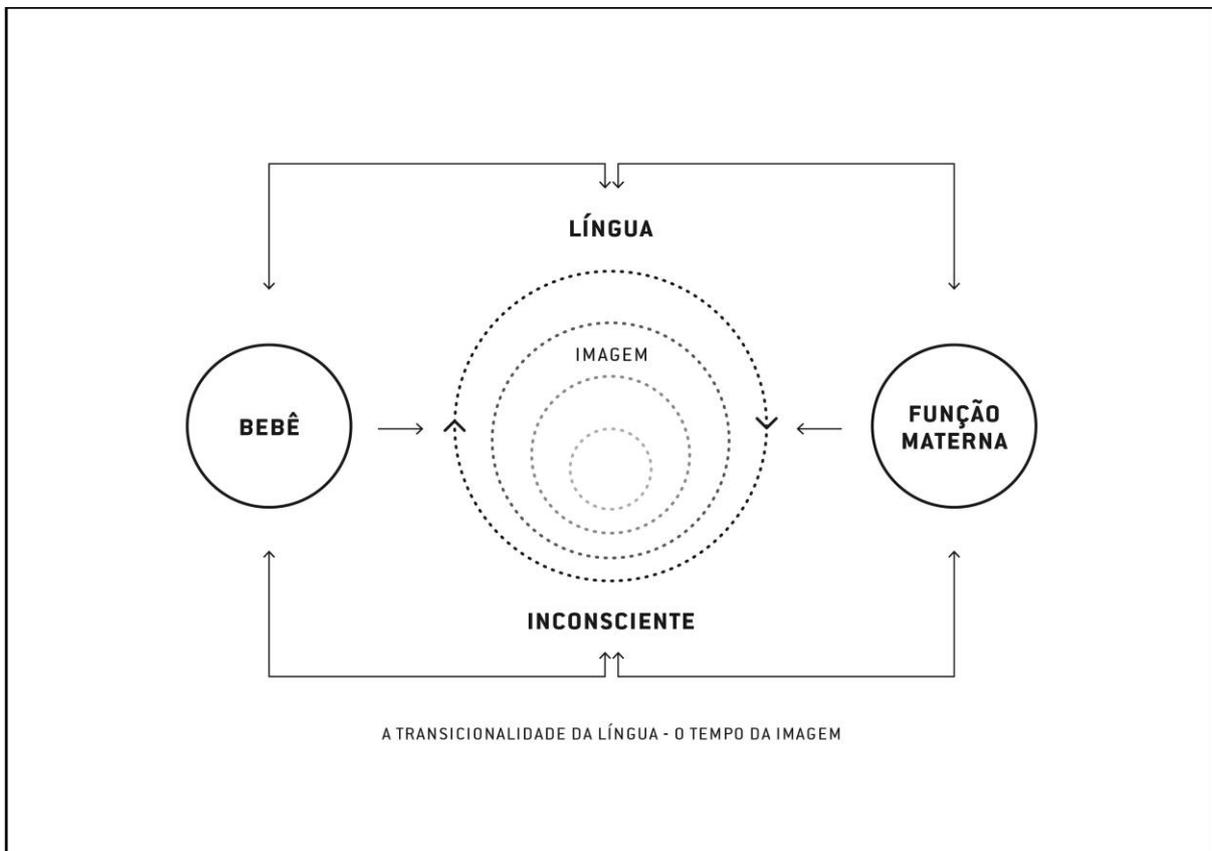


Gráfico 3. A transicionalidade da língua

Somadas às setas que se referem ao trabalho da língua sobre ela mesma, surgem agora aquelas que partem de cada uma das esferas da mãe e do bebê, voltadas para a direção do Outro. Se, antes, o trabalho operado dizia respeito àquilo com que cada uma, mãe e filha, tinha de se haver, neste ponto as coisas mudam. O trabalho diz respeito a usar a língua como ponte entre uma personagem e outra.

Quando a mãe fala do brinquedo, imediatamente o que vem à mente é o jogo do “fort-da”, descrito por Freud em 1920, em “Além do princípio do prazer”, colocando em cena a questão da elaboração de uma perda e de sua reconstituição (“Ela chora se a gente não pegar”). Perda situada ao nível da separação mãe-bebê. Mas também, e por isso mesmo, remete à posse do objeto transicional, mantendo um traço de ilusão que garante ao sujeito a possibilidade de sempre colocar a sua conquista num futuro (de preferência, próximo) e, desse modo, seguir sempre se constituindo.

A respeito da posse do objeto transicional, observa-se que está associada à fala produzida pela criança por meio do jogo, do lúdico. Se, de acordo com a mãe, ao mesmo

tempo em que jogava os objetos no chão, a filha também ficava querendo falar, na sessão, é visto que a língua da filha ora assume a função de código, ora assume a função de órgão. Isso porque, no interior da transicionalidade, a inquietude da língua se transforma em jogo. Um jogo que, sem se aperceber, a mãe também joga, com auxílio da polissemia inconsciente.

Quando a mãe diz “a gente joga”, “a gente pega” etc., quem está aí pressuposto? Ora, ela mesma. Identificada com a filha, é ela quem também joga os objetos e é ela quem deles também se apropria; especialmente porque estes objetos estão referidos a uma nova imagem de filha e a uma nova imagem de mãe. Embora as imagens de uma e de outra sofram ajustes mútuos, necessários a toda relação, mãe e filha gozam ao interagirem podendo brincar com isso.

5.4 NARCISISMO DA FALA: O TEMPO DO ESPELHO

(P): “E a língua?”

(M): “Ela, agora, usa a língua pra falar.”

O prazer pulsional, retirado do próprio corpo do bebê no começo, sofre uma torção, pois este corpo, através da língua e do exercício de uma ilusória onipotência, é impelido a assumir variadas posições diante do outro. Deslocando energia, na tentativa de compreender a profusão dos ruídos à sua volta, o bebê, aquela singela matéria viva, paulatinamente vai marcando para si um lugar no enredo social (ALCÂNTARA; ANDRADE, 2010). Passo a passo, os sons, que a princípio não tinham nenhuma significação, vão se revelando significantes e, agora, os afetos e representações, delimitados por um corpo pulsional que é feito de língua, são lançados ao mundo (dito) exterior embrulhados em palavras.

Quando retornam ao pequenino emissor, os pulsos significantes instauram um padrão comunicativo entre ele e o ambiente, dotando ambos de nova constituição, imaterial, simbólica. Logo, a cadeia significativa lança o bebê na lei e numa dimensão de existência simbólica, proporcionando-lhe abstrair o universo a ponto de transformá-lo em realidade compartilhada. Num movimento reversivo, incidindo no narcisismo, a língua abriria inúmeras vias de identificação, além daquelas atreladas ao agente materno, instância primordial da língua.

Na última sessão que tive com a mãe e a filha, com o deslize do significante “língua” no interior da relação mãe-bebê, pôs-se em marcha a identificação da filha com a língua do Outro, que agora passou a ser concebida como “sua”.

Segue o gráfico:

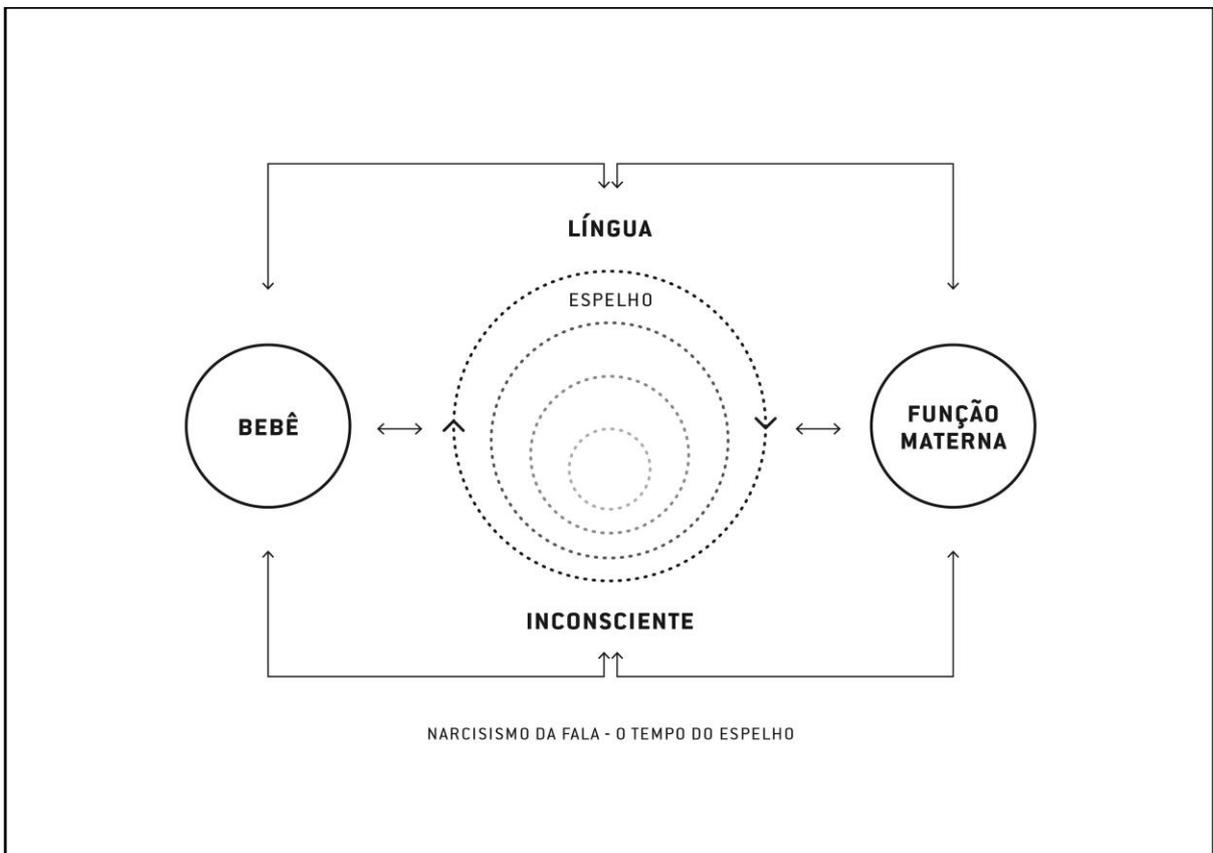


Gráfico 4. Narcisismo da fala

Aqui tento deixar claro como, enfim, a estrutura bebê/função materna/língua se organiza. As setas, que antes indicavam a relação de procura, partindo das esferas com uma única direção, indicam agora uma relação de encontro, em que cada uma das personagens pode se espelhar, muito embora o façam através do anteparo língua/inconsciente.

Poulichet (1997) afirmará o seguinte: “é a ordem da linguagem, ordem simbólica, que sustenta o narcisismo, organizando uma mediação entre o eu e o seu semelhante” (POULICHET, 1997, p. 61).

O ideal de eu corresponde, como foi visto, a um conjunto de traços simbólicos implicados pela linguagem, pela sociedade e pelas leis. Esses traços são e fazem a mediação na relação dual imaginária: o sujeito encontra um lugar para si num ponto – o ideal de eu – de onde se vê como passível de ser amado, na medida em que satisfaça certas exigências. O simbólico passa a prevalecer sobre o imaginário, o ideal do eu, sobre o eu. Assim, o simbólico superpõe-se ao imaginário e o organiza. Essa organização se dá através da identificação com os referidos traços simbólicos. Mas a identificação, por sua vez, nem consiste num processo

de introjetar, nem de misturar esses traços para promover uma nova ordem; a identificação trata, acima de tudo, de metaforizá-los (POULICHET, 1997; LACAN, 1949).

É, portanto, o que acontece com a mãe e sua filha: a língua-órgão é finalmente metaforizada e se transforma num espaço em que os sujeitos, mãe e bebê, podem vir a falar, escutar e produzir (novos) sentidos.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Entendendo as diversas materialidades presentes na fala da mãe (PEREIRA-DE-CASTRO, 2011a), foi constatada uma espécie de colonização do discurso materno pelo discurso do Outro; colonização que era atravessada especialmente pelos efeitos do significante “língua”, o qual obrigava a voz da mãe a ceder espaço para ecos, vestígios inconscientes. Assim, o investimento na sua filha era ruidoso, polifônico, pois o manhês utilizado evocava as representações vindas do Outro, mas não invocava o bebê enquanto sujeito.

Vale pontuar que tais representações imprimiam, no inconsciente do bebê, uma dupla negatividade, desencadeando o início do seu fechamento para o mundo: primeiro, porque a língua a que remetiam estaria no âmbito da deficiência, logo, da ausência de atributos – “essa língua que nem cabe na boca” (M) –, e, segundo, porque suas demandas, que não eram reconhecidas por ninguém – “se eu deixo ela na cama, ela fica; se eu coloco ela brincando com a bonequinha, ela fica” (M) –, estavam sendo endereçadas para lugar nenhum – “minha sogra diz uma coisa, a médica diz outra coisa, aí, eu não sei o que fazer” (M).

No momento em que as sessões de psicoterapia vão acontecendo, algo muda: a mãe vislumbra o quanto sua filha é “especial”, isto é, dotada de potencialidades – a ponto de ter sido “escolhida” para fazer parte da pesquisa. Além disso, o Outro, encarnado pela figura do psicólogo, não quer mais dominar a fala materna, mas, ao contrário, quer escutá-la e, com efeito, dar-lhe voz.

A voz da mãe, então, passo a passo é resgatada da confusão polifônica que povoava seu discurso e retoma o seu valor libidinal no investimento da filha. Tal qual propõe Lacan (1962-1963 [2005]), ao ocupar esse lugar, a voz evolui para a condição de pulsão invocante e passa a atuar convocando o bebê a comparecer como sujeito, situado numa história e num desejo.

Em virtude das dificuldades enfrentadas até ali, o processo precisou se realizar de maneira gradativa (algo que, aliás, acontece “naturalmente” com bebês sem risco psíquico); de tal modo que o manhês ganhou a configuração de espaço transicional, no sentido winnicottiano (WINNICOTT, 1951 [2000]), a partir de onde mãe e bebê tiveram oportunidade de assumir novas posições enunciativas.

Ao manipular a língua com o bebê e tentar se (re)apropriar dela no interior da transicionalidade, a mãe, de um lado, pôde ser reinvestida narcisicamente, tanto quanto pôde investir a filha, tal qual se constata no texto freudiano de 1914 sobre o narcisismo (FREUD,

1914 [2004]). E o bebê, de outro lado, efetuou o que Dolto (DOLTO; NASIO, 1985 [2008]) chama de enlace da imagem inconsciente do corpo ao esquema corporal, através de um novo nó significante – “ela agora usa a língua pra falar” (M).

Sendo assim, a lição que se extrai é que a língua, por princípio, é concebida como do Outro. O encontro do bebê com a língua do Outro provoca o impensável descolamento entre língua e realidade (DE NARDI, 2009) e sanciona a dissimetria entre a onipotência suposta e as circunstâncias factuais de impotência do bebê frente à grandiosidade deste Outro.

O bebê deverá, pois, se dobrar aos caprichos da língua do Outro e nela procurar se inserir, engatinhando em direção à tomada da palavra – ainda que de modo vacilante inicialmente –, encontrando na rede de discursos, de que tal língua é materialidade, um lugar a partir do qual também lhe seja possível produzir sentidos (DE NARDI, 2009).

Em virtude da dificuldade da tarefa, inerente à imaturidade do seu aparato corporal, só resta ao bebê, por tentativa e erro, repetir. Ao ser repetido, o dizer do outro metaboliza mecanismos inconscientes favoráveis ao constante estruturar-se/reestruturar-se (a desestruturação é impensável neste momento).

Contudo, não se trata apenas de um trabalho de educar o corpo a falar – esse corpo pulsional por si só indomável. Longe disso, falar surge como possibilidade de se valer de um saber herdado. Uma herança simbólica sedimentada na história e transmitida pelo inconsciente através da língua; que favorece ao sujeito o registro de uma marca singular na *sua* história, marca que torna ele próprio outro nesta língua, diferenciando-se dos demais (DE NARDI, 2009).

Nesse momento, o bebê firma com o adulto um compromisso (REVUZ, 2006), que, por incidência do recalque, é esquecido; esquecimento este que é, em essência, justamente a garantia de cumprimento desse acordo: reconhecer em si o desejo por aquilo que no outro falta e encontrar alguma coisa para dizer de seu próprio desejo.

Com efeito, nos termos do acordo, mãe e bebê jogam sem poder legislar: devido à existência da língua (isto é, de um código anterior e exterior, como se disse), é constituído um espaço terceiro com respeito à relação imaginariamente dual, espaço no qual um e outro são confrontados com uma lei social que os supera (REVUZ, 2006). Sem a referência a um código social, não haveria tomada de palavra possível a quem quer que fosse.

Eis porque Freud (1919) dirá, de maneira inequívoca, que o inconsciente, a língua alteritária, é um estranho que retorna no familiar – e vice-versa. Traços de memória da língua materna, que, ao ser recalçada, é apagada na história, retornam através do sujeito nas materialidades da língua ressignificada.

No movimento descrito, compreende-se como o manhês, a manifestação mais prototípica da língua materna, apagada na história, guarda um lugar no sujeito como memória e como matéria de valor simbólico indelével, e com proporções afetivas intensas, sujeitas a múltiplos modos de identificação.

REFERÊNCIAS

ALCÂNTARA, Edigleisson; ANDRADE, Fernanda. O narcisismo, o espelho, a linguagem e a integração do Eu: ideias de Freud, Lacan, Dolto e Winnicott. *Revista FAFIRE*. Recife, v. 3, n. 1, p. 45-50, jan./jun. 2010.

_____. Implicações discursivas no uso do manhês para a relação mãe-bebê. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL TRANSDISCIPLAR SOBRE O BEBÊ: EMERGÊNCIA DO SUJEITO E DESENVOLVIMENTO DO BEBÊ. 3, 2013, Paris. *Anais*. Paris: Instituto Langage, 2013. p. 1-12.

_____. Na palma da língua: o manhês na aquisição da linguagem do bebê surdo. In: CONGRESSO TRANSDISCIPLINAR INTERNACIONAL SOBRE A CRIANÇA E O ADOLESCENTE. 3, 2014, Santa Cruz de Cabralia. *Anais*. Santa Cruz de Cabralia: Instituto Langage, 2014. p. 1-13.

ALÓS, Anselmo Péres. Em busca de um percurso singular de sentidos: cinco noções básicas do dispositivo teórico na Análise do Discurso. *Linguagem em (Dis)curso*. Tubarão, v. 4, n. 2, p. 489-512, jan./jun. 2004. Quadrimestral. ISSN 1518-7632.

ANQUETIL, Nicole. Saussure e Lacan. In: MELMAN, Charles (Org.). *O significante, a letra e o objeto*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2004. p. 35-40.

AQUINO, Fabíola de Souza Braz; SALOMÃO, Nádia Maria Ribeiro. Contribuições da habilidade de atenção conjunta para a cognição social infantil. *Psicologia em estudo*. Maringá, v. 14, n. 2, p. 233-241, abr./jun. 2009. Trimestral. ISSN 14120-7372.

_____. ; _____. Intencionalidade comunicativa: teorias e implicações para a cognição social infantil. *Estudos de psicologia*. Campinas, v. 123, n. 13, p. 413-420, jul./set. 2010. Trimestral. ISSN 0103-166X.

_____. ; _____. Intencionalidade comunicativa e atenção conjunta: uma análise em contextos interativos mãe-bebê. *Psicologia: reflexão e crítica*. Porto Alegre, v. 24, n. 1, p. 107-115, 2011a. Trimestral. ISSN 0102-7972.

_____. ; _____. Habilidades sociocomunicativas de bebês no primeiro ano de vida: um estudo longitudinal. *Paideia*. Ribeirão Preto, v. 21, n. 50, p. 335-344, 2011b. Quadrimestral. ISSN 0103-863X.

ARRIVÉ, Michel. *Linguagem e psicanálise, lingüística e inconsciente*: Freud, Saussure, Pichon e Lacan. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1999. 244 p. (Transmissão da psicanálise, v. 61)

AULAGNIER, Piera (1986). Nascimento de um corpo, origem de uma história. In: VIOLANTE, Maria Lucia Vieira (Org.). *Desejo e identificação*. São Paulo: Annablume, 2010. p. 15-56.

BARBOSA, Denise Carvalho. A clínica psicanalítica: de crianças a bebês, uma especificidade. *Estilos de clínica*. São Paulo, v. 17, n. 2, p. 262-277, jul./dez. 2011. Semestral. ISSN 1415-7128.

BARROS, Andressa Toscano Moura de Caldas; CAVALCANTE, Marianne Carvalho Bezerra. Manhês: qualidade vocal e deslocamentos na dialogia mãe-bebê. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE LINGUÍSTICA. 7, 2011, Curitiba. *Anais*. Curitiba: ABRALIN, 2011. p. 428-439. Disponível em: <<http://abralin.org/site/publicacao-em-anais/abralin-curitiba-2011/>>. Acesso em: 17 de jul. 2012.

BERGÈS, Jean; BALBO, Gabriel. *Jogo de posições da mãe e da criança: ensaio sobre o transitivismo*. Porto Alegre: CMC, 2002. 160 p.

BIRMAN, Joel. O sentido da retórica: sobre o corpo, o afeto e a linguagem em psicanálise. In: BEZERRA JÚNIOR, Benilton; PLASTINO, Carlos Alberto (Orgs.). *Corpo, afeto e linguagem: a questão do sentido hoje*. Rio de Janeiro: Rios Ambiciosos, Contra Capa, 2001. p. 173-198.

BOUKOBZA, Claude. A constituição do sujeito segundo Françoise Dolto. In: BERNARDINO, Leda Mariza Fischer (Org.). *O que a psicanálise pode ensinar sobre a criança, sujeito em constituição*. São Paulo: Escuta, 2006. p. 81-86.

BOYSSON-BARDIES, Bénédicte de. Como a fala surge na criança. *Revista brasileira de psicanálise*. São Paulo, v. 43, n. 1, p. 97-103, mar. 2009. Trimestral. ISSN 0486-641X.

BRAIT, Beth (Org.). *Bakhtin: conceitos-chave*. 5. ed. São Paulo: Contexto, 2012. 224 p.

BUSNEL, Marie-Claire; HERÓN, Anne. O desenvolvimento da sensorialidade fetal. In: LAZNIK, Marie-Christine; COHEN, David (Orgs.). *O bebê e seus intérpretes: clínica e pesquisa*. São Paulo: Instituto Langage, 2011. p. 23-34. (Começos e tropeços na linguagem)

CAVALCANTE, Marianne Carvalho Bezerra. A fala atribuída: as vozes que circulam no discurso materno. *Letras de Hoje*. Porto Alegre, v. 36, n. 3, p. 585-591, set. 2001a. Trimestral. ISSN 0486-641X .

_____. Melodias maternas – um movimento interpretativo na dialogia mãe-bebê. In: CAMAROTTI, Maria do Carmo (Org.). *Atendimento ao bebê: uma abordagem interdisciplinar*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2001b. p. 79-95.

_____. O estatuto do manhês na aquisição da linguagem. *DLCV*. João Pessoa, v. 1, n. 1, p. 147-156, out. 2003. Anual. ISSN 2237-0900.

_____. Pausas no manhês: lugar de subjetivação. In: SALES, Léa (Org.). *Pra que essa boca tão grande?: questões acerca da oralidade*. Salvador: Ágalma, 2005. 31-46. (De calças curtas, v. 6)

CELES, Luiz Augusto. Nascimento psíquico. In: ARAGÃO, Regina Orth de (Org.). *O bebê, o corpo e a linguagem*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004. p. 41-58. (Primeira infância, v. 4)

CORRÊA, Leticia Maria Sicuro. Aquisição da linguagem: uma retrospectiva dos últimos trinta anos. *DELTA*. São Paulo, v. 15, n. especial, p. 339-383, 1999. Semestral. ISSN 0102-4450.

COUTINHO-JORGE, Marco Antonio Coutinho; FERREIRA, Nádia Paulo. *Lacan, o grande freudiano*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005. 88 p. (Passo-a-passo, v. 56)

CULLERE-CRESPIN, Graciela. *A clínica precoce: o nascimento do humano*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004. 187 p. (Primeira infância, v. 6)

_____. Discussão da evolução de uma síndrome autística tratada em termos de estruturação psíquica e de acesso à complexidade. *Psicologia Argumento*. Curitiba, v. 28, n. 61, p. 159-166, abr./jun. 2010. Trimestral. ISSN 0103-7013.

DE LEMOS, Cláudia Thereza Guimarães. A sintaxe no espelho. *Cadernos de estudos linguísticos*. Campinas, v. 10, p. 5-15, jan./jul. 1986. Semestral. ISSN 0102-5767.

_____. Língua e discurso na teorização sobre aquisição de linguagem. *Letras de hoje*. Porto Alegre, v. 30, n. 4, p. 9-28, dez. 1995. Trimestral. ISSN 0486-641X .

_____. Sobre o “Interacionismo”. *Letras de hoje*. Porto Alegre, v. 34, n. 3, p. 11-16, set. 1999. Trimestral. ISSN 0486-641X .

_____. Desenvolvimento da linguagem e processo de subjetivação. *Interações*. São Paulo, v. 5, n. 10, p. 53-72, jul./dez. 2000. Semestral. ISSN 1413-2907.

_____. Das vicissitudes da fala da criança e de sua investigação. *Cadernos de estudos linguísticos*. Campinas, v. 42, n., p. 41-69, jan./jun. 2002a. Semestral. ISSN 0102-5767.

_____. Sobre fragmentos e holófrases. In: COLÓQUIO LEPSI IP/FE-USP, 3, 2002b. São Paulo. *Anais*. São Paulo: LEPSI IP/FE-USP, 2002. p. 1-6. Disponível em: <http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=MSC00000000320010003000005&lng=en&nrm=iso&tlng=pt>. Acesso em 26 set. 2010.

_____. Uma crítica (radical) à noção de desenvolvimento na Aquisição da Linguagem. In: LIER-DE-VITTO, Maria Francisca; ARANTES, Lúcia (Orgs.). *Aquisição, patologias e clínica de linguagem*. São Paulo: EDUC, FAPESP, 2006. p. 21-32.

DE NARDI, Fabiele Stockmans. Entre a lembrança e o esquecimento: os trabalhos da memória na relação com língua e discurso. *Organon*. Porto Alegre, v. 17, n. 35, p. 65-83, 2003. Semestral. ISSN 2238-8915.

_____. Entre a rejeição e o acolhimento na língua do outro. *Desenredo*. Passo Fundo, v. 5, n. 2, p. 182-193, jul./dez. 2009. Semestral. ISSN 1808-656X.

DIAS, Elsa. A teoria winnicottiana do amadurecimento como guia da prática clínica. *Natureza humana: revista internacional de filosofia e psicanálise*. São Paulo, v. 10, n. 1, p. 29-46, jan./jun. 2008. Semestral. ISSN 1517-2430.

_____. O “brinquedo divino”: a ilusão em Winnicott. *Ideação*. Feira de Santana, v. 2, n. 22, p. 113-141, jan./jun. 2010. Semestral. ISSN 1415-4668.

DIDIER-WEILL, Alain. *Invocações: Dionísio, Moisés, São Paulo e Freud*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 1999. 160 p.

_____. *Nota azul*. 2. ed. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2014. 80 p. (Janus, v. 8)

DOLTO, Françoise (1961). Personalogia e imagem do corpo. In: _____. *No jogo do desejo: ensaios clínicos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1984. p. 52-79.

_____. (1985a). *A imagem inconsciente do corpo*. 2. reimp. da 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 2008. 319 p. (Estudos, v. 109)

DOLTO, Françoise; NASIO, Juan-David (1985b). *A criança do espelho*. Rio de Janeiro: Zahar, 2008. 95 p. (Transmissão da psicanálise)

DUPOUX, Emmanuel. Percepção da fala nos bebês. In: LAZNIK, Marie-Christine; COHEN, David (Orgs.). *O bebê e seus intérpretes: clínica e pesquisa*. São Paulo: Instituto Langage, 2011. p. 71-77.

FERRARI, Andrea Gabriela. Sintoma da criança, atualização do processo constitutivo parental? *Tempo psicanalítico*. Rio de Janeiro, v. 44, n. 2, p. 299-319, dez. 2012. Semestral. ISSN 2316-6576. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/tpsi/v44n2/v44n2a04.pdf>>. Acesso em 12 jan. 2013.

FERREIRA, Sílvia. Por que falar ao bebê se ele não compreende? In: CAMAROTTI, Maria do Carmo (Org.). *Atendimento ao bebê: uma abordagem interdisciplinar*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2001a. p. 97-104.

_____. Em cena, o “manhês”. *Travessia*. Olinda, v. 3, p. 259-269, dez. 2001b. Anual. ISSN 1517-039X.

_____. A interação mãe-bebê: primeiros passos. In: WANDERLEY, Daniele (Org.). *Palavras em torno do berço: intervenções precoces bebê e família*. 2. ed. Salvador: Ágalma, 2003. p.77-88. (De calças curtas, v. 1)

_____. Manhês: uma questão de estrutura. In: SALES, Léa (Org.). *Pra que essa boca tão grande?: questões acerca da oralidade*. Salvador: Ágalma, 2005. 19-29. (De calças curtas, v. 6)

_____. Sofrimento psíquico do bebê e saúde mental. In: SEMINÁRIOS EM SAÚDE DA FAMÍLIA. 2009, Recife. *Anais*. Recife: Hospital das Clínicas da UFPE, 2009. p. 1-11.

_____. Será o manhês uma exclusividade da função materna? In: BARBOSA, Denise Carvalho; PARLATO-OLIVEIRA, Erika (Orgs.). *Psicanálise e clínica com bebês: sintoma, tratamento e interdisciplina na primeira infância*. São Paulo: instituto Langage, 2010. p. 51-73. (Começos e tropeços na linguagem)

_____. As interfaces da clínica com bebês. In: OLIVEIRA, Eunice Ferreira Lopes; FERREIRA, Severina Sílvia; BARRETTO, Tereza Avellar (Orgs.). *As interfaces da clínica com bebês*. 2. ed. Recife: Edições Bagaço, 2011a. p. 69-82.

_____. O manhês e o impossível da língua. In: LAZNIK, Marie-Christine; COHEN, David (Orgs.). *O bebê e seus intérpretes: clínica e pesquisa*. São Paulo: Instituto Langage, 2011b. p. 243-251. (Começos e tropeços na linguagem)

_____. Há lugar para o bebê na clínica lacaniana? O bebê e sua relação ao Outro: uma promessa de sujeito. *Revista Intersecção*. Recife, v. 2, n. 1, p. 87-92, 2012. Anual. ISSN 2316-2104.

_____. O que é a pesquisa PREAUT. Disponível em: <<http://ninar.com.br/wp-content/uploads/2013/11/preaut-i-jornada-o-que-e-a-pesquisa-preaut-recife-pe-28.-09-13-logo.pdf>> Acesso em 21 dez. 2014.

FIGUEIREDO, Luis Cláudio. A questão da alteridade nos processos de subjetivação e o tema do estrangeiro. In: KOLTAI, Caterina (Org.). *O estrangeiro*. São Paulo: Escuta, FAPESP, 1998. p. 61-75.

FLORES, Mariana; BELTRAMI, Luciane; SOUZA, Ana Paula. O manhês e suas implicações para a constituição do sujeito na linguagem. *Distúrbios da comunicação*. São Paulo, v. 23, n. 2, p. 143-152, ago. 2011. Quadrimestral. ISSN 2176-2724.

FREUD, Sigmund (1910). A significação antitética das palavras primitivas. In: _____. *Cinco lições de psicanálise, Leonardo da Vinci e outros trabalhos (1910)*. Rio de Janeiro: Imago, 2006. p. 157-166. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, vol. XI)

_____. (1911). Formulações sobre os dois princípios do acontecer psíquico. In: _____. *Escritos sobre a psicologia do inconsciente*. Rio de Janeiro: Imago, 2007. p. 63-77. (Obras psicológicas de Sigmund Freud, v. 1)

_____. (1914). À guisa de uma introdução ao narcisismo. In: _____. *Escritos sobre a psicologia do inconsciente*. Rio de Janeiro: Imago, 2004. p. 95-131. (Obras psicológicas de Sigmund Freud, v. 1)

_____. (1915). Pulsões e destinos da pulsão. In: _____. *Escritos sobre a psicologia do inconsciente*. Rio de Janeiro: Imago, 2004. p. 133-173. (Obras psicológicas de Sigmund Freud, v. 1)

_____. (1919). O 'estranho'. In: _____. *Uma neurose infantil e outros trabalhos (1917-1918)*. Rio de Janeiro: Imago, 2006. p. 233-273. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, vol. XVII)

_____. (1920). Além do princípio do prazer. In: _____. *Escritos sobre a psicologia do inconsciente*. Rio de Janeiro: Imago, 2006. p. 123-198. (Obras psicológicas de Sigmund Freud, v. 2)

FREUD, Sigmund (1930). O mal-estar na civilização. In: _____. *O futuro de uma ilusão, O mal-estar na civilização e outros trabalhos (1927-1931)*. Rio de Janeiro: Imago, 2006. p. 65-148. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, vol. XXI)

GADET, Françoise; PÊCHEUX, Michel (1981). *A língua inatingível: o discurso na história da linguística*. Campinas: Pontes, 2004. 223 p.

GOTTLIEB, Alma. Para onde foram os bebês? Em busca de uma antropologia de bebês (e de seus cuidadores). *Psicologia USP*. São Paulo, v. 20, n. 3, p. 313-336, jul./set. 2009. Trimestral. ISSN 1678-5177.

GRATIER, Maya. As formas da voz: o estudo da prosódia na comunicação vocal mãe-bebê. In: LAZNIK, Marie-Christine; COHEN, David (Orgs.). *O bebê e seus intérpretes: clínica e pesquisa*. São Paulo: Instituto Langage, 2011. p. 79-83. (Começos e tropeços na linguagem)

INDURSKY, Fedra. *A fala dos quartéis e outras vozes*. 2. ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 2013. 272 p.

KAIL, Michèle. *Aquisição de linguagem*. São Paulo: Parábola, 2013. 120 p. (Estratégias de ensino, v. 42)

LACAN, Jacques (1949). O estádio do espelho como formador da função do eu tal como nos é revelada na experiência psicanalítica. In: _____. *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998. p. 96-103. (Campo freudiano no Brasil)

_____. (1953). Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise. In: _____. *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998. p. 238-324. (Campo freudiano no Brasil)

_____. (1955-1956). *O seminário, livro 3: as psicoses*. 2. ed. rev. 2. reimp. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1997. 368 p.

_____. (1960). Subversão do sujeito e dialética do desejo no inconsciente freudiano. In: _____. *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998. p. 807-842. (Campo freudiano no Brasil)

_____. *O seminário, livro 10: a angústia (1962-1963)*. 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005. 368 p. (Campo Freudiano no Brasil)

LAZNIK, Marie-Christine. Linguagem e comunicação do bebê de zero aos três meses. In: LAZNIK, Marie-Christine; COHEN, David (Orgs.). *O bebê e seus intérpretes: clínica e pesquisa*. São Paulo: Instituto Langage, 2011. p. 93-100.

LAZZARINI, Eliana Rigotto; VIANA, Terezinha de Camargo. O corpo em psicanálise. *Psicologia: teoria e pesquisa*. Brasília, v. 22, n. 2, p. 241-249, mai./ago. 2006. Semestral. ISSN 0102-3772.

LEBRUN, Jean-Pierre. *Um mundo sem limite: ensaio para uma clínica psicanalítica do social*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2004. 218 p.

_____. *A perversão comum: viver juntos sem outro*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2008. 355 p.

LEDOUX, Michel-Henri. Introdução à obra de Françoise Dolto. In: NASIO, Juan-David (Dir.). *Introdução às obras de Freud, Ferenczi, Groddeck, Klein, Winnicott, Dolto, Lacan*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1995. p. 203-258. (Transmissão da psicanálise, v. 41)

LIER-DE-VITTO, Maria Francisca; CARVALHO, Glória. O interacionismo: uma teorização sobre a aquisição da linguagem. In: QUADROS, Ronice Müller; FINGER, Ingrid (Orgs.). *Teorias de aquisição da linguagem*. Florianópolis: Editora da UFSC, 2008. p. 115-146.

LYRA, Maria da Conceição Diniz Pereira de. O modelo EEA para investigação da emergência e desenvolvimento da comunicação e do *self*: bases conceituais e fundamentos teórico-metodológicos. *Estudos de Psicologia*. Natal, v. 11, n. 1, p. 25-33, jan./abr. 2006. Trimestral. ISSN 1413-294X.

_____. O modelo EEA: definições, unidade de análise e possíveis aplicações. *Psicologia: reflexão e crítica*. Porto Alegre, v. 20, n. 1, p. 87-95, 2007. Trimestral. ISSN 0102-7972.

LYRA, Maria da Conceição Diniz Pereira de; CHAVES, Emanuelle Christine. O desenvolvimento da comunicação no início da vida: estabelecimento, extensão, abreviação. *Temas em psicologia*. Ribeirão Preto, v. 8, n. 3, p. 225-240, jul./dez. Semestral. 1413-389X.

LYRA, Maria da Conceição Pereira de; SILVA, Emanuelle Christine Chaves da; SILVA, Ana Cláudia Alves. Padrões de organização do sistema de comunicação mãe-bebê nas interações face a face: estudo de cinco díades. *Estudos de psicologia*. Natal, v. 17, n. 1, p. 63-71, jan./abr. 2012. Trimestral. ISSN 1413-294X.

OLIVEIRA, Luís Fernando Lofrano de. Língua e vida pulsional. *Psicologia e Sociedade*. São Paulo, v. 21, n. esp., p. 73-81, 2009. Quadrimestral. ISSN 1807-0310

LONGO, Leila. *Linguagem e psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2006. 73 p. (Psicanálise passo-a-passo, v. 64)

LOPARIC, Zeljko. A teoria winnicottiana do amadurecimento pessoal. *Infanto: revista de neuropsiquiatria da infância e adolescência*. São Paulo, v. 7, n. 1, p. 21-23, 1999. ISSN 1413-0270.

SANTOS, Maria Josefina Medeiros; MARINHO, Luciana Andrade. Um corpo na escuridão: o estágio do espelho em cegos. *Mosaico: estudos em psicologia*. Belo Horizonte, v. 3, n. 1, p. 1-9, 2009. Semestral. ISSN 1982-5471.

MARIANI, Bethania. Sujeito e sentido: efeitos de linguagem. In: COLÓQUIO LATINOAMERICANO DE ESTUDOS DO DISCURSO, 3, 1999. Santiago. *Anais*. Santiago: Universidade do Chile e Pontifícia Universidade Católica do Chile, 1999. p. 1-7. Disponível em:
<http://web.uchile.cl/facultades/filosofia/Editorial/libros/discurso_cambio/65Marian.pdf>. Acesso em 14 ago. 2013.

_____. Subjetividade e imaginário linguístico. *Linguagem e (Dis)curso*. Tubarão, v. 3, n. esp., p. 55-72, 2003. Quadrimestral. ISSN 1982-4017.

MILLER, Jacques-Alain. Jacques Lacan e a voz. *Opção lacaniana online*. Rio de Janeiro, v. 4, n. 11, p. 1-13, jul. 2013. Quadrimestral. ISSN 2177-2673. Disponível em: <http://www.opcaolacanianana.com.br/pdf/numero_11/voz.pdf> Acesso em 15 dez. 2013.

MILNER, Jean-Claude. *O amor da língua*. Campinas: Editora da Unicamp, 2012. 127 p.

MOREIRA, Jacqueline de Oliveira. Do problema da alteridade no pensamento freudiano: uma construção. *Ágora: estudos em teoria psicanalítica*. Rio de Janeiro, v. 6, n. 2, p. 251-270, jul./dez. 2003. Semestral. ISSN 1516-14-98.

NASIO, Juan-David. Que é um caso? In: _____. (Dir.). *Os grandes casos de psicose*. Rio de Janeiro: Zahar, 2001. p. 9-32. (Transmissão da psicanálise, v. 64)

_____. *Meu corpo e suas imagens*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2009. 184 p.

ORLANDI, Eni Puccinelli. *Interpretação: autoria, leitura e efeito do trabalho simbólico*. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2004. 156 p.

PAYER, Maria Onice. Dimensões materna e nacional das línguas. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE LETRAS E LINGUÍSTICA E SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE LETRAS E LINGUÍSTICA, 12, 2, 2009. Uberlândia. *Anais*. Uberlândia: SILEL, 2009. p. 1-8. Disponível em: <http://www.ileel2.ufu.br/anaisdosilel/pt/arquivos/gt_lg20_artigo_4.pdf>. Acesso em 26 set. 2013.

PÊCHEUX, Michel (1975). *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. 5. ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 2014. 288 p.

PELLANDA, Luiz Ernesto Cabral. Psicanálise fetal: vai existir um dia? In: PELLANDA, Nize Maria Campos; PELLANDA, Luiz Ernesto Cabral (Orgs.). *Psicanálise hoje: uma revolução do olhar*. Petrópolis: Vozes, 1996. p. 641-646.

PESSÔA, Luciana Fontes; MENDES, Deise Maria Leal Fernandes; SEIDL-DE-MOURA, Maria Lucia. Interações linguísticas mãe-bebê e desenvolvimento da linguagem inicial. In: RODRIGUES, Maria Consenza; SPERB, Tania Mara (Orgs.). *Contextos de desenvolvimento da linguagem*. São Paulo: Vetor, 2010. p. 13-32. (Psicologia da linguagem, v. 1)

PESSÔA, Luciana Fontes; SEIDL-DE-MOURA, Maria Lucia. Fala materna dirigida à criança em cenários comunicativos específicos: um estudo longitudinal. *Psicologia: teoria e pesquisa*. Brasília, v. 27, n. 4, p. 439-447, out./dez. 2011. Trimestral. ISSN 0102-3772.

PEREIRA-DE-CASTRO, Maria Fausta. Sobre o (im)possível esquecimento da língua materna. In: LIER-DE-VITTO, Maria Francisca; ARANTES, Lúcia (Orgs.). *Aquisição, patologias e clínica de linguagem*. São Paulo: EDUC, FAPESP, 2006. p. 135-147.

_____. Questões sobre a infância e a fala da criança na teorização sobre aquisição da linguagem. *Revista da ABRALIN*. Pará, v. 10, n. 4, p. 63-76, 2011a. Semestral. ISSN 2178-7603.

_____. A língua materna e depois. *Didáskomai*. Montevideo, n. 2, p. 63-76, 2011b.

PIEROTTI, Mariana Moreira de Souza; LEVY, Lidia; ZORNIG, Silvia Abu-Jamra. O manhês: costurando laços. *Estilos da clínica*. São Paulo, v. 15, n. 2, p. 420-433, dez. 2010. Semestral. ISSN 1415-7128.

PIONTELLI, Alessandra. *De feto à criança: um estudo observacional e psicanalítico*. Rio de Janeiro: Imago, 1995. 261 p.

_____. Observação de crianças desde antes do nascimento. In: PELLANDA, Nize Maria Campos; PELLANDA, Luiz Ernesto Cabral (Orgs.). *Psicanálise hoje: uma revolução do olhar*. Petrópolis: Vozes, 1996. p. 625-640.

PINO, Angel. Semiótica e cognição na perspectiva histórico-cultural. *Temas em psicologia*. Ribeirão Preto, v. 3, n. 2, p. 31-30, ago. 1995. Semestral. ISSN 1413-389X.

PLEIN, Fátima de Barros. *Sobre linguagem e estrutura na clínica psicanalítica da infância*. 2003. 161 f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2003.

PORGE, Erik. *Voz do Eco*. São Paulo: Mercado de Letras, 2014. 128 p. (Terramar)

POULICHET, Sylvie Le. Narcisismo. In: NASIO, Juan-David. *Lições sobre os sete conceitos cruciais da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1997. p. 45-74. (Transmissão da psicanálise)

QUINET, Antonio. Com *lalíngua* no corpo. *Stylus*. Rio de Janeiro, n. 19, p. 69-77, out. 2009. Semestral. ISSN 1676-159X.

_____. *Os outros em Lacan*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2012. 84 p. (Psicanálise passo-a-passo, v. 94)

REVUZ, Christine. A língua estrangeira entre o desejo de um outro lugar e o risco do exílio. In: SIGNORINI, Inês (Org.). *Lingua(gem) e identidade: elementos para uma discussão no campo aplicado*. 4. ed. São Paulo: Mercado das Letras, 2006. p. 213-230.

RICOUER, Paul. *Sobre a tradução*. reimp. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011. 71 p. (Babel)

SABOIA, Camila. O papel do bebê no processo de acesso à subjetivação. *Estilos da clínica*. São Paulo, v. 11, n. 21, p. 186-195, dez. 2006. Semestral. ISSN 1415-7128.

SAUSSURE, Ferdinand de (1916). *Curso de linguística geral*. 28. ed. reimp. São Paulo: Cultrix, 2013. 312 p.

SCARPA, Ester Miriam. A criança e a prosódia: uma retrospectiva e novos desenvolvimentos. *Cadernos de estudos linguísticos*. Campinas, v. 47, n. 1/2, p. 19-27, jan./dez. 2005. Semestral. ISSN 0102-5767.

_____. A aquisição da prosódia: dupla face, dupla vocação. In: AGUIAR, Marígia Ana de Moura; MADEIRO, Francisco (Orgs.). *Em-TOM-Ação: a prosódia em perspectiva*. Recife: Editora Universitária da UFPE, 2007. p. 73-89.

_____. Aquisição da linguagem. In: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina (Orgs.). *Introdução à linguística: domínios e fronteiras*. 8. ed. São Paulo: Cortez, 2012. p. 241-271.

SCORSI, Letícia; LYRA, Maria da Conceição Diniz Pereira de. O manhês e o desenvolvimento da comunicação adulto-bebê: uma revisão da literatura com uma proposta de

análise microgenética das trocas mãe-bebê. *Interação em psicologia*. Curitiba, v. 16, n. 2, p. 293-305, jul./dez. 2012. Semestral. ISSN 1981-8076. Disponível em: <<http://ojs.c3sl.ufpr.br/ojs2/index.php/psicologia/article/view/9138/20284>>. Acesso em: 23 de ago. 2013.

SOCHA, Alexandre. A sonoridade vocal e seus efeitos no interior da transicionalidade. *Jornal de psicanálise*. São Paulo, v. 43, n. 78, p. 43-56, jun. 2010. Trimestral. ISSN 0103-5835.

SZEJER, Miriam; STEWART, Richard. *Nove meses na vida de uma mulher: uma abordagem psicanalítica da gravidez ao nascimento*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1997. 322 p.

TEIXEIRA, Francisco de Assis Alves. *et. al.* Macroglossia: revisão da literatura. *Revista brasileira de cirurgia craniomaxilofacial*. São Paulo, v. 13, n. 2, p. 107-110, abr./jun. 2010. Trimestral. ISSN 1980-1823.

VIVÈS, Jean-Michel. Para introduzir a questão da pulsão invocante. *Revista latinoamericana de psicopatologia fundamental*. São Paulo, v. 12, n. 2, p. 329-341, jun. 2009. Trimestral. ISSN 1415-4714.

_____. *A voz na clínica psicanalítica*. Rio de Janeiro: Contra Capa, Corpo Freudiano Seção Rio de Janeiro, 2012. 96 p. (Janus)

VORCARO, Angela. Incidência da matriz simbolizante no organismo: o advento da fala. *Letras de Hoje*. Porto Alegre, v. 36, n. 3, p. 273-281, set. 2001. Trimestral. ISSN 0101-3335.

_____. Psicanálise e método científico: o lugar do caso clínico. In: KYRILLOS NETO, Fuad; MOREIRA, Jacqueline de Oliveira (Orgs.). *Pesquisa em psicanálise: transmissão na universidade*. Barbacena: EDUEMG, 2010. p. 11-23.

WILHEIM, Joanna. *O que é psicologia pré-natal*. 4. ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2006. 84 p.

WINNICOTT, Donald Woods. (1951). Objetos e fenômenos transicionais. In: _____. *Da pediatria à psicanálise: obras escolhidas*. Rio de Janeiro: Imago, 2000. p. 316-331.

_____. (1956). Preocupação materna primária. In: _____. *Da pediatria à psicanálise: obras escolhidas*. Rio de Janeiro: Imago, 2000. p. 399-405.

ZORNIG, Sílvia Maria Abu-Jamra. A corporeidade na clínica: algumas observações sobre os primórdios do psiquismo. *Tempo psicanalítico*. Rio de Janeiro, v. 40, n. 2, p. 327-337, out. 2008. Semestral. ISSN 2316-6576. Disponível em: <<http://www.spid.com.br/revistas/r40.2/06%20TP40.2%20-%20Silvia%20Maria%20Abu-Jamra%20Zornig.pdf>>. Acesso em 21 abr. 2010.